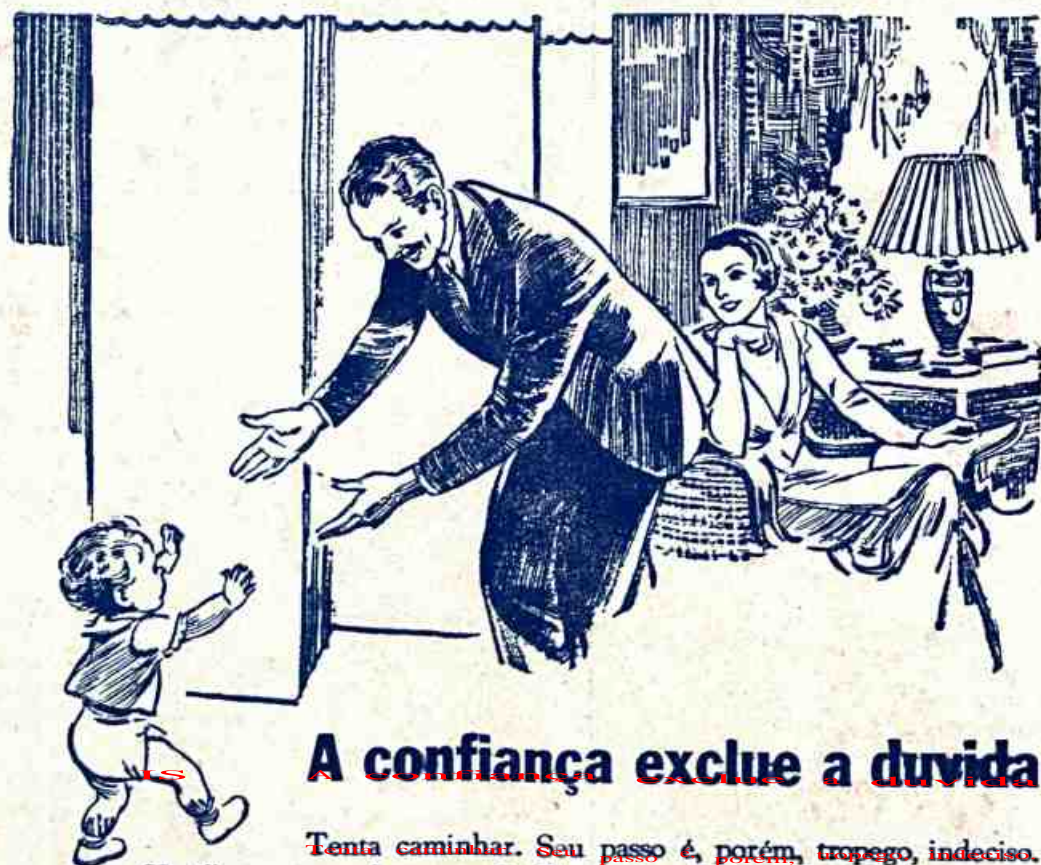
FON FON

ANNO XXVI — N.º 46
Rio, 12 de Novembro de 1932
PREÇO: 1$000

A confiança exclue a duvida

Tenta caminhar. Seu passo é, porém, tropego, indeciso. Vacilla, procurando um apoio. E, ao vêr os braços abertos, precipita-se para elles, com toda a confiança.

Eis o que se passa comnosco ao necessitarmos de um auxilio contra a dôr: buscamos instinctivamente

o remedio de confiança

que, não sómente allivia a dôr de cabeça, dentes, ouvidos; enxaqueca, nevralgia; colicas das senhoras; resfriados, etc., como tambem devolve a energia e é de todos inoffensiva.

O conto brasileiro

A ULTIMA PROMESSA

De FRAN. MARTINS

As pessôas incomprehendidas devem ser cuidadosamente observadas, tanto nas suas alegrias como nas dôres, porque os seus sentimentos divergem dos dos homens normaes. Disso tive a certeza ha muito tempo, na minha mocidade, e á historia que vou contar poderia juntar muitas outras, todas em favor da minha affirmação.

Vicente Lopes era o enygma dos estudantes de direito na Academia do Recife. Estava um anno mais adeantado do que eu e da sua turma diziam ser o melhor alumno. Vivia silencioso, retrahido, e tinha um sangue frio adoravel. Os professores em pouco tempo criaram-lhe estima, não só por causa do seu comportamento exemplar mas tambem pela promptidão em que se achava sempre para responder ás questões, quando os collegas não tinham siquer idéa das licções. Mas, mesmo para elles, o Lopes continuava a ser a esphinge viva da Faculdade.

O motivo de procedermos ambos do norte, creio, tornou-nos bons camaradas. Lembro-me que um amigo commum nos aproximou, o unico com quem o Lopes se affeiçoara na Academia. O outro, nesse tempo, viu-se obrigado a abandonar o curso por motivos financeiros e eu que substitui na amizade do Lopes fiquei procurando decifrar o enygma.

Nos primeiros tempos, o Lopes me pareceu um homem como os outros, sendo a causa da sua supposta anormalidade uma pequena questão de temperamento. Mais tarde, porém, fui violentamente desenganado dessa hypothese, e do modo mais triste que se póde ser.

Era já no seu ultimo anno de estudos e viajavamos os dois no mesmo vapor, regressando do norte. Encontrei-o no Maranhão. Notei a sua physionomia rudemente carregada e vi, tambem, que o Lopes procurava occultar-me um segredo que trahia pelos gestos, pelas palavras, até mesmo pelo andar.

Confusamente, confessou-me o motivo por que tomára o vapor em S. Luiz. Residia em Theresina e para vir por Tutoya dizia achar a viagem penosa. Preferira passar dois dias no trem maranhense a transportar-se á Parnahyba, como nos annos anteriores. Dei-lhe razão por querer entreter a conversa e intressei-me devéras pelo estado do Lopes.

No dia seguinte, só á noite consegui avistá-lo. Não me disséra o numero do camarote, não pedira que fosse vêl-o. Perguntei si enjoára, e elle respondeu negativamente com a cabeça.

A partir desse momento, segui-o por toda parte. Acompanhava-o de longe e os seus menores movimentos não me passavam despercebidos. Quando me recolhi, alta noite, julguei que o Lopes enlouquecia.

No outro dia, procurei-o por todo o navio e não o encontrei. Certamente, retiverá-se no camarote. Fiquei esperando de um momento para outro vê-lo á minha frente, completamente louco.

Mas esperei em vão: As horas se passaram, a tarde chegou, a noite desceu, e o Lopes não me apparecia. Era já muito tarde quando decidi recolher-me. Nesse momento, porém, ouvi passos atráz de mim e, virando-me, confrontei-me com o meu collega, não louco, como esperava, mas inteiramente transformado.

Não sei si a crise mudou apenas de fórma, mas elle estava outro. Pareceu-me então mysterioso como pintavam na Faculdade e tive a decepção de ver por terra toda a minha hypothese sobre o estado espiritual do Lopes, por mim ha quatro annos estudado. Um dia antes, os seus cabellos eram revoltos, o olhar espantado, os gestos febris de allucinado. Agora, perfeitamente senhor de si, elegante no seu traje de viagem, até ensaiava sorrir, pondo nos labios um sorriso alegre, que eu nunca lhe conhecêra. Então, tomando-me pelo braço, o Lopes levou-me ao convés, promettendo revelar-me um segredo.

Tinha na mão uma carta e deu-ma para ler Assignava-a certa Luiza que o meu collega explicou ser sua prima, e nada revelava que viesse em favor de sua mudança. A moça dizia simplesmente achar-se bem doente e recordava uma promessa do Lopes, a *ultima promessa*, que ella esperava ver cumprida.

O rapaz explicou-me:

—Luiza foi a unica pessôa que me comprehendeu, no mundo. Seus gostos são os meus e só ella sabe tirar-me das minhas *horas tristes*, as *horas tristes* que me perseguem desde a mais remota infancia. Ha tres annos que somos noivos. Mas, só nós dois o sabemos, porque o nosso noivado a ninguem mais interessa.

(*Continúa na pag. seguinte*)

A ULTIMA PROMESSA

CONTINUAÇÃO

Tudo o que promettemos um ao outro — continuou, depois de um instante de meditação — fazemos, sem contar obstaculos. Pedi-lhe, uma vez, para em cada baile só dansar treze partes e ella nos bailes só dansa treze partes. Prometti-lhe que na Academia, nunca teria mais de um amigo, e só tenho na Academia um amigo. Ella sabe tanto da minha vida quanto sei da della. Não ignora que substituiste a amizade do Flavio de Souza e sabe que te chamas Waldemar Gomes e és natural de Belém do Pará. E, nota, foi por sua indicação que me affeiçoei a ti, porque o teu nome, como o de Flavio de Souza, tem treze letras. Nós gostamos do numero treze por ser elle o abandonado de todos. Si tivermos de casar, será no dia 13. Mas, não creio no nosso casamento, justamente por isso: amanhã é o dia 13..."

O bombeiro (chegando para concertar os canos furados). — Devem estar bem impacientes, não é verdade?
O dono da casa. — Nem tanto. Emquanto o esperavamos, aproveitei para ensinar minha mulher a nadar.

Não sei que profundo mysterio havia na sua voz, tornando-me pensativo e triste. No emtanto, o Lopes estava alegre, sorria. Na sua calma habitual, como insensivel ao mal estar que me causava, o meu collega continuou a sua historia:

— Agora, antes da minha vinda, fiz uma ultima promessa. E' e essa que ella me lembra cumprir. Foi uma coisa infantil, que toda gente faz no sertão: combinámos que, si um morresse primeiro, o outro seguiria o mesmo caminho. Uma promessa de crianças, não achas? No emtanto, ao receber sua carta, notaste a minha desorientação. Realmente, fiquei triste. Não com

---

E' o maior elogio que se pode fazer de um livro, nesta epoca de vertigem.

Um livro que se lê do principio ao fim, sem folhas puladas, sem o desejo de ficar com uma noção, apenas, do seu conteúdo, não precisa de outros louvores.

Pois bem.

Eu venho de lêr, nessas condições, dois livros optimos.

Escriptos com clareza e simplicidade, sem citações, sem enredos de effeito theatral, e, ainda por cima, de autores nacionaes.

Aqui vão os titulos e os nomes dos autores: "Menino de Engenho" de José Lins do Rego e "Numa Esquina do Planeta", de Romeu de Avellar.

O primeiro é a vida do nordeste através da narrativa de um escriptor que conseguiu ter sido creança, neste paiz de velhices prematuras.

O segundo é uma "charge", ou melhor, um "portrait-charge" de todas as cidades provincianas da nossa patria amada, idolatrada, salve, salve.

Em ambos, o enredo é cousa secundaria.

Nada de namoricos idiotas com beijos melosos e dialogos ôcos como o espirito de quem os escreve.

"Menino de Engenho" é um livro crú, de um realismo por vezes abalador, no genero da "Bagaceira", do sr. José Americo de Almeida, que, sendo hoje ministro, fica feio elogiar...

"Numa Esquina do Planeta" é obra do caricaturista mental, de sujeito malcriado e irreverente, que diz por escripto cousas que a gente vê, sente e observa, mas não se dá ao trabalho de passar para o papel.

Cada qual dentro da sua orbita, tanto num como noutro ha um continuo movimento de idéas.

Não ha a preoccupação de "fallar bonito", de engendrar episodios de sensação, e sim de apanhar elementos da vida e jogal-os, vivos e bolindo, dentro de paginas que têm o privilegio dos espelhos.

Retratam dois temperamentos e uma só tendencia, qual a de ajustar a uma norma sem artificios os seus processos literarios.

O publico brasileiro precisa ir comprehendendo e prestigiando a evolução de escriptores assim, modernos e faceis, desataviados de erudição e gongorismo.

"Menino de Engenho" é um producto nosso, de um nacionalismo sadio, como só se podia encontrar nesta "Esquina do Planeta" — que é o Brasil.

Vou repetir aqui, mais uma vez, o elogio do titulo desta pagina: li ambos folha por folha, sem pressa de acabar e sem vontade isto se desse.

Tomára que o leitor eventual destas linhas faça a mesma cousa.

Parabens, José Lins do Rego!
Um abraço, Romeu de Avellar!

OSWALDO SANTIAGO

medo de perdê-la, nem tão pouco com receio de perder-me. Tudo ao contrario. A minha apprehensão provinha de uma outra promessa: ha annos combinámos morrer no dia 13 e eu não quéria faltar a nenhuma das minhas promessas.

"No emtanto — continuou o Lopes, fitando o infinito — agora estou satisfeito. Amanhã é o dia 13. Amanhã é o dia marcado. Por estas horas, amanhã, espero ter cumprido fielmente as minhas promessas..."

Calou-se e, minutos depois, recolheu-se ao camarote, trauteando uma canção. Havia nessa canção uma nota enygmatica, que ainda hoje resôa nos meus ouvidos. Fiquei-me a um canto, estupefacto pelo que acabava de ouvir, apesar do outro mostrar-se feliz. Nesse momento, o Lopes pareceu-me o homem mais incomprehensivel do mundo.

No dia seguinte, estavamos no convés, após o almoço, quando ouvimos o grito de um marinheiro debruçado á amurada da pôpa. Todos corremos ao local para saber do acontecido. O grumete contou que um passageiro, fitando ha muito as ondas revoltas, absorto, em dado momento se precipitára ao mar, calmamente, como si não sentisse horror pela morte.

O navio diminuiu a marcha e ainda vimos ao longe o Lopes entre as aguas, sorrindo para nós. Não fazia um gesto de desespero, não procurava salvar-se. Depois, o seu rosto risonho desappareceu, deixando-nos a todos apavorados com o acontecimento.

A' noite daquelle dia, o commandante mostrou-nos um cabogramma dirigido ao meu collega. Dizia simplesmente:

"Luiza falleceu ás 13 horas."

SINCERIDADE. — O freguez. — Este, afinal, parece que me serve. Não ha por ahi um espelho?

O empregado. — Não, senhor. O gerente mandou retirar todos os que aqui existiam, porque nos arruinavam o negocio.

A poesia e a morte

Na hora dramatica em que se vive, cujas badaladas lúgubres rebôam pelo mundo inteiro, o coração do homem deixa de sentir as innefaveis doçuras da paz, da poesia ou do amor, que é harmonia, que é enlevo, que é sonho. Os cantos da poesia desapparecem, são esquecidos, porque os homens, na sua arrancada feroz de uns contra os outros, deixou de ouvir os sons maravilhosos da Lyra, para viver o mais estreito dos prosaismos. E as contigencias sociaes dia a dia estrangulam os sentimentos elevados que os sonhadores espalham pela bocca de ouro da poesia. Contra o assassinio, a brutalidade, os egoismos, os haustos dos imperialismos, ergue-se a poesia cantando, harmonizando, ennobrecendo a especie humana, unindo os homens pela belleza e pelo esplendor da arte.

Mas os homens praticos de hoje, orgulhosos do poderio, lançam á poesia o seu desdém e, para os seus designios, soccorrem-se da morte a maior inimiga do genero humano. E a poesia cede logar, para ouvir-se a linguagem rude e aspera da morte: os fuzilamentos, os morticinios nas ruas, as tremendas batalhas civis, as guerras disfarçadas. E tudo é vermelho de sangue. A morte destróe o que a poesia constróe: a paz. A morte empunha um fuzil, cruza uma bayoneta, monta um caminhão, sustenta no azul dos espaços as asas de um avião que lançará sobre as cidades rumorosas e os campos fecundos cargas de explosivos violentos que amontoam ruinas e ensopam a terra de sangue.

A poesia, porem, que aos embrutecidos parece fraqueza, sustem a lyra, encordôa as canções do amor e da nobreza, e bate-se em harmonias, em rythmos, em côr, pela fraternidade, conduzindo os homens á safra, aos eixos do trabalho constructor de civilização e de progresso.

Ah! mas os poetas são tristes criadores de ficção. Inuteis e visionarios para os homens praticos, que não querem os sons de ouro das Musas, mas o ouro de bom som... E a tragedia ahi está, atravessando de polo a polo o immenso palco do mundo.

Mas, entre lagrimas, no horror das competições e dos egoismos sangrentos, essas consciencias abatidas pelo desespero apavoradas pelas consequencias das suas loucuras, clamam pelos sentimentos que os poetas vêem espalhando pela terra através dos seculos, — sem deixar de tirar o olho da sua maior alliada, a morte.

DIONYSIO GARCIA

A ESMOLA

NÃO preciso de grande esforço de memoria para recordar, em seus menores detalhes, um chuvoso crepusculo de outomno quando eu estava com meu pae numa das ruas mais movimentadas de Moscou e me sentia invadido, pouco a pouco, por um estranho mal estár. Não tinha dôres. Mas as pernas se me dobravam, as palavras se detinham em meus labios, a cabeça se inclinava pesadamente para um lado... Evidentemente, eu estava na imminencia de desmaiar e cahir...

Si, naquelle momento, eu me encontrasse em um hospital, os medicos teriam diagnosticado: "fome", uma enfermidade que não existe nos annaes scientificos da medicina.

A meu lado, estava meu pae, com um velhissimo sobretudo de meia estação esfarrapado; um chapéo do qual pendiam alguns pedaços de forro... Nos pés, sem meias, uns chinellos esburacados, e, nas pernas, andrajosos restos de umas calças desbotadas.

Amo esse homem estranho pobre e pouco intelligente, mais e mais por seu velho sobretudo, que conserva as pretenções de uma certa elegancia. Veiu ha cinco mezes, vagou sempre pela cidade, procurando trabalho, e hoje, finalmente, resolveu sahir á rua para pedir esmola...

Deante de nós se levanta uma casa de tres andares, com este letreiro: "Restaurante", em côres celestes. Minha cabeça esta debilmente inclinada para traz, e involuntariamente meus olhos olham para o alto, para as janellas, claramente illuminadas, do restaurante.

Vejo sombras que passam e tornam a passar atraz dos vidros. Vê-se o lado de um piano mecánico, oleographias, lâmpadas... Fixando uma das janellas, vejo branquejar uma mancha. A mancha está immovel, e com seus contornos rectangulares resalta clara sobre o fundo escuro do papel que cobre a parede. Procuro esforçar minha vista e na mancha reconheço uma folha de papel branco suspensa na parede. Ha alguma coisa escripta nella, mas não se distingue...

Durante meia hora não desvio os olhos daquella folha. Com sua brancura ella attrae meu olhar e quasi hypnotiza meu cérebro. Procuro ler seu conteúdo, mas todos os meus esforços são inuteis.

Finalmente, a estranha enfermidade que me tortura recupera seus direitos.

O ruido das carruagens começa a parecer-me estampidos de trovões, percebo em torno de mim um milhar de cheiros diversos, e meus olhos vêem nas lampadas do restaurante e nos pharóes da rua relámpagos deslumbradores. Meus cinco sentidos estão tensos e sobre passam o normal. Começo a ver claramente o que antes não distinguia...

— Ostras.. — leio, soletrando...

Que estranha palavra! Vivi no mundo oito annos e tres mezes, e nem uma só vez ouvi essa palavra. Que póde significar? Será, talvez, o nome do dono do restaurante? Mas os nomes das pessôas se lêem na porta, e não nas paredes...

— Pae, que significa *ostras?* — perguntei, com voz rouca, fazendo um esforço enorme para voltar meus olhos para meu pae...

Meu pae não me ouve. Olha fixamente a multidão, e segue com a vista cada um dos que passam. Em seus olhos leio que quer dizer algo aos transeuntes, mas a palavra fatal está como um peso infinito em seus lábios tremulos e não sabe como sahir. Dá, finalmente, um passo para um transeunte e lhe toca na manga; mas, quando o homem se volta, meu pae lhe diz: "Desculpe", e torna para seu logar.

— Pae, que significa *ostras?*

— E' um animal... Vive no mar...

Instantaneamente, reproduzo para meus olhos aquelle animal marinho desconhecido. Deve ser algo intermediario entre o peixe... e não sei que coisa... E como é marinho, servirá, naturalmente, para preparar uma bôa sôpa com folhas de lôro, um prato de flambre com salsa picante... Minha imaginação divisa como trazem do mercado esse animal, o põem no fogo... Rápido, rápido, porque todos têm fome... uma grande fome... Da cozinha chega um rico cheiro de peixe frito...

Sinto que esse cheiro entra em meu nariz, se apodéra... O restaurant, meu pae, o papel branco, tudo sossobra em meio de tal cheiro, que se torna tão forte, que começo a mastigar... Mastigo e como. Minha bôcca parece-me um pedaço daquelle animal marinho...

— Pae, como se comem as ostras?...

— Comem-se vivas... São como os caracóes, como as tartarugas... Mas têm duas cáscaras...

O appetitoso desejo cessa immediatamente de mortificar-me e a illusão desapparece... Agora comprehendo...

— Que porcaria! — murmuro. — Que porcaria!

Eis o que são as ostras! Minha imaginação as representa como o mais gostoso que pudesse existir. Imagino um animal semelhante ao caracol. O caracol está sentado e olha com seus luminosos olhos e move, brincando, seus finos e pequenos cornos. Que póde haver de mais desagradavel para um ser humano que viveu no mundo exactamente oito annos e tres mezes? Diz-se que os francezes comem caracóes, mas os meninos nunca, nunca... Imagino como trazem do mercado esses animaes de pelle viscosa e olhos luminosos... Os meninos se escondem assustados, emquanto a cozinheira, com um certo desprezo, agarra o animal, o põe em um prato e o leva para sala de jantar.

De Leonidas Andreiev

pessôas grandes o tomam e o comem... Comem-no vivo, com seus olhos, com seus pequenos cornos... E o animal grita e tenta mordêl-as nos lábios...

Faço um movimento de nojo..., mas..., por que meus dentes começam a mastigar? O animal é desagradavel, asqueroso, horrivel. No emtanto, eu o como, o devoro avidamente, temendo sentir seu gôsto e seu cheiro... Como e sinto que meus nervos se enchem de vigor, que meu coração pulsa com fôrça... Mal devorei um animal, já vejo os olhos luminosos do segundo, do terceiro... Tambem os como... Finalmente, como o prato, o garfo, os chinellos de meu pae, o cartão branco... Como tudo o que passa deante de meus olhos, porque só comendo curarei minha enfermidade. As ostras me olham... São horrendas..., são desagradaveis, e eu tremo ao pensar nellas... Mas é preciso comer... comer...

— Dae-me as ostras, dae-me as ostras!...

Os gritos sahem de minha bocca, e eu extendo as mãos...

E' inutil. Ninguem me dá attenção. Meus gritos se perdem no vacuo. Mas, (oh, surpresa!), vejo uma fila de ostras, tal como minha imaginação mas havia apresentado, aproximando-se de mim por si sós, por obra e graça de não sei que estranho e mysterioso poder.

Quero separar-me para um lado, evitar o contacto que presinto immediato, e não posso... Então, torno a gritar:

— Tende piedade de mim, Senhor! Ajudae-me!

Ouço, então, a voz surda, suffocada, de meu pae.

— Envergonho-me de pedir, mas... Meu Deus!... Não posso mais resistir...

— Dae-me as ostras! — gemo, puxando meu pae...

— E tu comerás ostras? Um menino como tu? — ouço que me dizem perto de mim.

Dois senhores, com agazalhos de velludo, estão rindo deante de mim.

— Pequeno, tu comes ostras? Comes? E' interessante! Como as comes?

Lembro-me que uma mão forte me arrastou para o illuminado restaurante. Num minuto me vi cercado de uma multidão que ria. Estou sentado á mesa e como umas coisas viscosas, salgadas, húmidas. Como atropeladamente, sem mastigar, sem me preoccupar com o que como. Temo ver olhos, dentes...

E, de repente, começo a mastigar qualquer coisa dura. Sinto um ruido...

— Ah! Elle come a cáscara!... diz — a multidão, rindo. — Que bárbaro! Como póde comêl-a?

Immediatamente, experimento uma sêde tremenda.

Estou acocorado em minha cama, e não posso dormir por causa do fogo e do estranho gosto que sinto em minha bôcca ardente... Meu pae caminha de um lado para outro, gesticulando...

— Parece que me resfriei — murmura. — Sinto qualquer coisa na cabeça, como si dentro houvesse alguem... Talvez seja porque... hoje não comi. Sinto-me esmagado, quasi estúpido... Vi que aquelles senhores pagavam dez rublos pelas ostras e não sei por que não me aproximei delles para pedir-lhes... algum dinheiro emprestado... Com certeza mo emprestariam...

Pela madrugada adormeço, e vejo, em sonhos, um caracol com seus pequenos cornos, a revirar os olhos. Ao meio dia, a sêde me desperta, e eu procuro com os olhos meu pae: elle ainda está caminhando de um lado para o outro, gesticulando sempre...

— Veja, doutor: a dentadura postiça que o senhor me collocou o mez passado me dóe horrivelmente.

— Bem lhe disse, meu amigo, que essa dentadura não se differenciava em nada das naturaes.

CRUDELIA (S. Paulo) — A sua cartinha é muito delicada. E vindo agora de S. Paulo, o glorioso S. Paulo que tanto admiramos, eu só tenho motivos de contentamento. Vejamos o que diz V. Ex:

"Yves. Uma manhã radiosa toda azul, levou meu pensamento até você. Pela janela, diviso um lindo panorama. Um passarinho canta ao longe "Bom dia seu Chico".

Fico extasiada diante da natureza tão serena, depois de dias tão angustiados pelo troar dos canhões e pipocar das metralhas da maldita revolução. Maldigo-a porque não me cabe no pensamento essa desavença de irmãos com irmãos! Como é barbara a humanidade! Nosso Brasil tão querido, ultrajado pelos seus proprios filhos! Preso muito o meu estado, mas não acho que deveemos eleva-lo para deprimir outro. Não, tudo é o Brasil, devemos adorar todos os reecantos da nossa terra, procurando engrandecel-a, mas, deixemos de politicagem.... Eu, desejo saber se o amigo está são e salvo e ainda com o mesmo espirito jogoso que tanto me apraz.

Apezar do Yves me classificar como "tarada" eu ainda sou toda admiradora e tudo que vem de si só me agrada.

A gente sente-se tão pequenina diante de seu...

A segunda razão desta minha "cartinha", é dar-lhe os sinceros parabens pelo seu livro "Suave Enlevo". São versos de uma delicadeza de sentimentos admiraveis. Vê-se neles não só a inspiração de poeta, mas tambem um pouco do seu "eu", que não se encontra atravez da "Secção Saibam Todos".

Vê-se que o Yves possuia uma alma terna, feita para o amor, e não foi comprehendido.... Uma mulher passou em sua vida, fe-lo conhecer todas as caricias do amôr e depois partiu deixando uma saudade infinita....

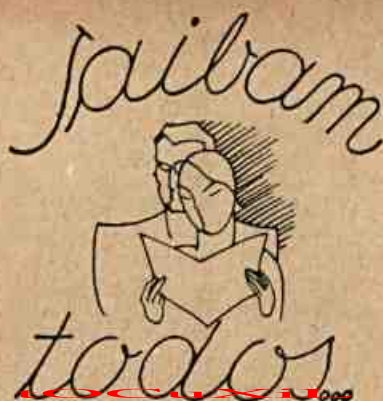
Saudade, tudo que foi e já não é...

Pobre amigo... Agora não crê mais em afeto feminino.... Procure uma outra, com 37 anos se é moço, muito moço... Coragem amigo!

Faço votos que escreva outro livro mas que não me deixe compadecida de si.

Crudelia"

Ora, V. Ex. me faz uma accusação que não posso deixar de pé. Não é possivel que eu a tenha chamado de *tarada*.

Primeiro, porque no "Saibam todos..." não se usam essas expressões; depois, porque eu não me permittiria aggredir de maneira tão violenta, nem de modo algum, uma leitora gentil.

Deve haver engano na sua affirmativa. Si, porém, julga que cheguei a tal ponto, quero apresentar-lhe as minhas desculpas.

Quanto ao resto, agradeço-lhe, extremamente commovido, o elogio que faz ao "Suave Enlevo".

ANNA LENCIE — Carmen Cynira, a linda e inspirada poetisa de "Grinalda de Violetas" tem, para nossa alegria, um novo livro a sahir. Chamar-se-ha — *Sensibilidade* — e será o nosso presente de Anno Novo. Em Carmen Cynira, a gente não sabe, em verdade, o que mais admirar: si a belleza dos poemas que ella escreve ou a belleza da propria poetisa. Ella é triste e linda como um raio de luar — disse-o um poeta.

CARMEN (Capital) — A resposta que lhe devo está sacrificada, uma vez que a informação pedida já lhe foi dada pelo meu amigo e confrade.

Nada tenho mais á acrescentar. Salvo o seguinte: é possivel que alguem dê uma opinião sobre as duas amigas. Eu não a darei — por questão de diplomacia.

REX (Capital) — O sr. precisa de aprender a escrever para jornaes. Como é que me manda o seu original, no original da sua propria missiva? Quer isso dizer que o sr. é como aquelle violinista que, antes, de aprender a pegar no arco, já queria interpretar Wagner....

Não é posivel.

R. PONTES (?) — Infelizmente, não posso attender o seu pedido. O seu conto "O principio do amor" está vasado numa linguageem má.

Quer uma prova ?

Ei-la:

"Ella leevantou-se muito doloridamente: os olhos violeta das lagrimas e os labios fixados pelos soluços. Aproximou-se e numa voz languida que era o quebramento de toda sua vontade, trinou aos ouvidos do marido:

— Sempre te quiz bem. Te amei. Senti na loucura de minha paixão a frialdade deliciosa de tuas palavras de afecto! Recolhi na doçura de minha meiguice o travor de tuas impertinencias. Silenciei no intimo do meu sêr a força dominadora de tuas agressões amorosas!"

VARO DA GAMA (Minas) — Ora, muito bem. O sr. continúa a ser o homem de bom figado e, certamente, de bom estomago, interessado em divertir os leitores do "Saibam Todos"...

Pois seja feita a sua vontade. Esse dever compete á minha pessôa. Mas, o meu humor não é uniforme: varia como a cabeça de uma mulher de Juizo. Porque as que o não tem, são as que menos variam.... São firmes, resolutas, sinceras...

Feito esse sermão, passemos á sua carta.

Dois pontos:

"Yves. Você disse, numa resposta dada pelo "Saibam todos" — ao lado da que me coube em o numero de 29-10-932, que o tempo dos escriptores não sobra, muita vez, nem para a frugalidade reparadora de uma refeição... Acredito que o dissesse por força de expressão, pois, penso que você, ás vezes, vae ao cinema. E, ás pessôas que vão ao cinema, acontece ver na téla o facies, denotativo da conformação integral, do comediante Laurel...

No momento, é essa minha physionomia, que eu quizéra transportar para o "Saibam todos..." para divertir (ou "pour epater"...) a multidão dos seus leitores. Mas, é-me impossivel, e eu prefiro ser daqui de longe, com o "travesti" constellado de missangas, o "clown" Fratellini, o palhaço da paz, o Briand do picadeiro... um que faz rir porque pretende ser profundamente humano...

Infelizmente, (descontada a parte maniaco-depressiva que me empresta esse derrame de tolices...) eu sou, como João do Rio se confessava, um triste authentico, um pseudo alegre. E a prova está nessa missiva, em que falta apenas a tarja e na qual vou sendo aquelle heróe do "ridi pagliacci"...

Você dirá que minha queixa (ella é indissimulavel!) não é procedente e que o fosse, não sou feliz vindo escardil-a sobre si. É verdade, a você não cabe culpa alguma. A's vezes somos victimas do proprio determinismo que creamos. E eu urdi um que me tran-

formou num Dickens (naturalmente um "Argot" do verdadeiro...) para o ambiente triste ou burlescamente jovial, que você, modesto imperdoavel, diz ser o "Saibam todos"... Infelizmente, de affinidades com mister Picks, eu tenho apenas a ventura de ser um tolo que podia ser intelligente, e vice-versa... E como eu tenho horror á mediocridade, (por isso mesmo já sou um perseguido della...) não quero ser para os leitores de "Saibam todos..." o que o Embaixador Bill foi para o Snr. Benjamin Constallat: o "blagueur" que é a "blague" das blagues"... Por tanto, (na falta de um aligero "Commodore"...) venho aqui fazer essa fugata em pianissimo...

Você perdoará. O psychologo que você é, e subtil, comprehenderá que a especie humana, ás vezes, paga com relinchos, a graça que se lhes deu de um afago espiritual, de uma palmadinha amavel... Isso não prejudica, nem aliena, a segunda parte de minhas passadas cartas. Eu continuarei a ser, e cada vez maior, um dos seus mais sinceros admiradores, grato como os que mais o são.

* * *

Envio-lhe incluso a cópia da primeira carta que lhe mandei, e tambem de um poema (sic!) que a acompanhou. Somente para que fiquem ahi archivadas ao lado das outras, no jazigo da familia... Acintemente afastei a cópia do soneto que enviei tambem.

Um soneto, certamente, poria um final de "Otthelo" na minha correspondencia, que eu quero finalizada, por espirito de frasearia coherencia, como ella de facto foi: uma especie cabotina das "Aventuras de um rapaz feio" do Snr. Paulo de Magalhães...

* * *

Perdoe a consciencia estulta, a inconsciencia vesana ou a enorme dysesthesia (a Poe?...) do seu amigo

(Pseudonymo) *Varo da Gama*."

ROMULO (Pernambuco) — E' muito judiciosa a sua carta. E' mesmo muito philosophica, para um poeta em ensaios, como o sr...

Em todo caso, vejamos o que me escreve:

"Caro Snr. Yves: Não me é possivel dizer ás vezes que já me animei a lhe escrever. Mas, sempre me veio um temor de fracassar.

Porque? Eu vejo, meu amigo, as desillusões que os commentarios de sua penna, deixam ficar em tantos outros. E é justo que eu receie.

Eu sou, como quasi todos os jovens, a victima de uma pretenção, que só se póde reprimir depois da certeza do fracasso.

Hoje, a mocidade de nossa terra, depois de certa épocha, sente um desejo de expandir alguma coisa que lhe nasceu obscuramente dentro da alma. Mas, como fazer isso? Pela poesia.

Apenas nascem as aspirações, as dores, as alegrias, pretendemos que o mundo inteiro saiba o que pensamos. Mas não podemos gritar... Escrevemos então. Imprimimos no papel as visões de nossa juventude. E ninguem as comprehende, porque são muito diversas as interpretações.

Mas nós não temos culpa de querer voar mais acima da massa commum. Porque nos deram um berço tão lindo como a nossa terra? Não nos deviam, tambem, ter dado um coração para adorar tanta belleza, nem uma alma que comprehendesse mais do que as outras almas. Para que?

Para que sonhemos, e tenhamos o desejo natural de erguer nossos olhos mais alto, com a vaidade tambem explicavel, de parecermos maiores, embora não o sejamos... e depois, termos a impressão de que podemos subir, subir, porque nossa alma comprehende o que fica para além, para emfim cercearem nossas ambições. E' de mais.

E' preciso que você concorde, caro Yves, que a nossa arte é, quasi sempre, cruelmente justiçada, porque não temos um nome capaz de encobrir algumas faltas que ficam no papel.

***Aos nossos leitores.* — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

***FON-FON* — 12-11-932**

***Data da consulta*..................**

***Nome do consulente*..................**

....

E vocês criticos, tem razão. A arte deve ser perfeita, sincera e colorida; deve representar o sentimento do artista. Nós que apenas começamos a escrever, somos notaveis em imperfeições, na opinião de todos. Mas não nos falta sinceridade. Isso não.

E' devéras admiravel, o que se passa num paiz que se diz ser de ignorantes. Se alguem quer progredir, para diminuir esse coefficiente de ignorancia, nega-se-lhe competencia absoluta, e, — o que é mais abominavel ainda — condemna-se-lhe a intelligencia para sempre, só porque errou uma vez. E' simplesmente horrivel!

E, se algum principiante mais temeroso, pede um conselho mais calmo a um critico qualquer (como já li um caso), recebe uma resposta agourenta e dissimuladamente grosseira, de que elle — o critico — não tem a obrigação de corrigir máos trabalhos, porque não é creado, e, ainda menos, sem remuneração. E' descommunal! Quanta comprehensão!

Perdôe-me, meu caro, se desabafei o que penso, mas custa-me ver tanta severidade. Depois do que disse, talvez antes mesmo de você terminar esta carta, meus trabalhos se afundam dentro da cesta. Seja.

Além disso, meu amigo, eu sei tudo o que você vae me responder. Dirá primeiro que ninguem é obrigado a ler tolices, somente porque alguem sentiu vontade de escrevel-as. Dirá tambem, que os criticos não são obrigados a emendar e a comprehender os versos sem côr e sem alma dos principiantes. E emfim, para não ir muito além — decretará que a terra e suas bellezas, pódem prescindir da homenagem pouco louvavel dos meus versos.

Já vê, Yves, que sou leitor assiduo de sua Secção "Saibam Todos.

Agora, quasi no fim, me pergunto porque escrevi tanto. Sei lá... Nunca sabemos a razão de certas cousas do nosso intimo. Mas seja como for, tudo isso foi uma especie de introducção pouco lisongeira para pedir um favor. Um favor que é quasi um conselho, e que póde se transformar, ou numa esperança alegre, eterna, ou numa desillusão, que será somente uma. Basta que você, Yves, seja sincero e justo, e diga se posso continuar a escrever. Leia os dois trabalhos que seguem. Qualquer que seja a resposta, agradeço sua bôa vontade. E, creia, ficarei sendo seu amigo, porque não posso deixar de admiral-o. Como eu, todos os de cá, de nossa linda Recife. Responda, por favor, para:

(Continúa na pag. seguinte)

Como se vê, o sr. escreveu tanto, para me apresentar dois trabalhos imperfeitissimos, quasi direi — aleijados.

Lamento não ter tempo para corrigil-os.

MARIAH (S. Paulo) — Não ponho a menor duvida em responder ao questionario que me envia.

Nelle, ha certos *itens* que me deixam embaraçado. Para dizer á verdade, seria revelar a verdade da minha vida interior. E eu creio que isso não interessa a ninguem. Pelo menos, já não interessa a quem podia interessar.

Em todo caso, vamos ao seu inquerito:

I — Qual o seu maior Sonho?

Resposta — Não o realizei, até aqui?... E, inutil, pois continuar a sonhar. Hoje, olho a vida de olhos abertos: sem illusões.

II — Qual a maior alegria que já teve?

Resposta — A que "ella" me trouxe, quando a conheci...

III — Que mais admira na mulher?

Resposta — Nada. A unica coisa que poderia admirar nella, verifico que ella a não possúe: — sinceridade.

IV — Que mais odeia nella?

Resposta — O embuste feito áquelle a quem ama. Uma mulher só tem direito de enganar ao homem a quem ella não ama.

V — Está contente de ser quem é?

Resposta — Não. (Entre parenthesis: Ah! si eu fosse millionario! Ou analphabeto!)

VI — Que mais lhe irrita os nervos?

Resposta — Fazer psychologia feminina, e não acertar.

VII — Que diz do ciume?

Resposta — E' o privilegio dos amantes. Reguard affirma: "Sans être un peu jaloux on ne peut être amant". O amor que não tem

SAIBAM TODOS...

(Concluido)

dois gumes, como os punhaes, não é amor, digo eu. Num lado deve estar o ciume. No outro...

VIII — Tem medo de morrer?

Resposta — Depende. Si a morte me dá tempo para pensar na alegria de viver — sim; si não, — não!

IX — Que é que lhe parece mais idiota na vida?

Resposta — Uma mulher dizer: "Eu não minto!"

X — Que é que lhe parece mais grandioso?

Resposta — Uma dama affirmar: Eu sou uma mulher mentirosa!"

XI — Qual o seu typo feminino?

Resposta — O typo não importa. O que interessa é a sua "maneira" de enlear, de prender, de seduzir. A victoria feminina consiste em saber amar. Não se ama nunca como se quer; cada um ama como póde e como sabe. Dahi os desentendimentos, os caprichos, as lagrimas, os ciumes.

Parou, mademoiselle? Uff! Já não é sem tempo...

A. M. de C. (Capital) — Li com attenção a sua missiva, e conclui, ao primeiro golpe de vista, que v. ex. é economica e considera a economia uma virtude.

Sabe por que? Porque v. ex. me escreve num pedaço de papel (?) com uma sem cerimonia que me desconcertou.

As coisas, como os sentimentos e actos de nossa vida, tem o valor relativo que lhes emprestamos.

Para v. ex., o escrever num "chiffon" de papel, é pura economia; para outros, mais esthetas e exigentes, é pura deselegancia epistolar.

Para o perdulario, a bôa virtude é gastar; para o avaro é economisar. Já vê...

Quanto aos professores de graphologia, elles andam por ahi a granel. E' só procural-os.

Pede a minha opinião sobre determinados themas. Eu sempre tenho opinião. Opinião sobretudo.

A's vezes, desagrado pela independencia de pensar e agir. Quer dizer, nunca subordino a minha opinião de quem quer que seja. Muitas vezes, sou contradictorio paradoxal, incoherente — porque acho uma coisa deploravel um homem abrir a bocca para dizer aquillo que se espera de toda gente.

Dizer, por exemplo: "Fazer o bem é uma acção nobilissima." E' uma phrase cretina. Para contrariar a maioria, eu direi: O mal é fecundo. E a fonte do bem. O homem deve, portanto, ser sempre peor do que é — para ser util ao proximo.

Ora, isso é um escandalo. E' uma coisa alarmante. Mas, o meu prazer não é contrariar? E ser differente dos outros?

Até agora ainda não recebi o album a que se refere.

AVOSINHA (Capital) — E' muito curiosa a sua missiva "pervanche". Que desespero esquisito aquelle que manifestou!

Em todo caso, estou aqui ás suas ordens. E' só tentar... Vamos! Dê começo...

YVONETTE (Capital) — Como vê, não posso entrar em detalhes sobre os assumpto de sua carta gentilissima. Entretanto, com muito prazer receberei a sua visita e nessa occasião, V. Ex. verá satisfeita a sua curiosidade.

Peço-lhe apenas que me avise antes, pelo telephone sobre o dia e hora em que estiver disposta a realizal-a. Phone: 2-4138. Das 11 ½ e de 2 ás 5 ¼.

YVES

Seara alheia

Jazz

Todos nós contribuimos, de modo mais ou menos humilde, para os trabalhos superiores da humanidade.

*

Uma obra é boa de accordo com quem a subscreve. As obras de Homero e Platão não seriam tão apreciadas se os seus autores se chamassem João Peres ou Gonçalo.

*

Soffremos de uma terrivel hypertrophia cerebral. Perturbou-se o nosso equilibrio e somos todos grandes enfermos. A inetlligencia *natural* não era mais que um fraco resplandor que devia guiar-nos no cumprimento das obrigações diarias. Mas, pouco a pouco lhe fomos dando demasiada importancia. E estamos como um homem metido num subterraneo, empunhando uma lampada, a busca de um thesouro. De repente a lampada fumega a luz vacilla e, então, o homem sente-se para regulál-a. E tanto lhe interessa esse trabalho, que esquece o thezouro e acaba por acreditar que a felicidade consiste em regular uma lampada e fazer bailarem sombras nas paredes. E contentar-se com isto até o dia em que se adverte de que passou sua vida entregue a esta brincadeira pueril. Então, quer levantar-se e estende as duas mãos para o thezouro esquecido... Demasiado tarde!... A Morte já lhe constringe a garganta... A intelligencia é a lampada; o thezouro, são os prazeres da vida. — MARCEL PAGNOL.

ULTIMA FOLHA DE OUTOMNO

(A Eros Volusia).

Fim de outomno...
Num espreguiçamento de abandono,
a tarde morre como um sonho de mulher,
como um sonho qualquer...
E o vento vae levando de vencida
as folhas mortas, como leva a nossa vida.

No entretanto, uma folha, em sua sorte,
lutou desesperadamente contra a morte,
n'uma fragilidade de menina
e n'uma fortaleza de mulher...

Luta medonha contra a propria sina,
luta terrivel
por um sonho impossivel,
por um sonho qualquer...

Ainda tinha a illusão de um bom destino
e uma miragem pela tarde calma.
Era uma folha linda! Era um pedaço de alma,
debatendo-se em vão, em desatino!...

E vencida, afinal, a inclemencia do vento,
como um soluço de arrependimento,
nesta tarde de somno.

Rio-Cidade

NO Rio, tudo corre... Até a propria vida se escôa, sem que possamos sentil-a esvair-se, na vertigem dos dias que passam.

O homem corre e vôa! Corre em disparada louca, pisando o asphalto macio das ruas e avenidas, na sensação hysterica, nervosa de que está voando.

Nessa correria desenfreada e irregular, deixo a humanidade que passa absorvida em si mesma, á cata, á procura daquillo que ella nunca julga encontrar, porque não sabe o que seja, e fico em um recanto qualquer da cidade — vertigem, olhando estático a onda humana polyforme que rola, se despenha, dirigindo-se para o invisivel!

Ha um lustro, vivo a vida tranquilla do sertão, do matto, do campo, das montanhas, sem a impressão electrizante que envolve a vida artificial da cidade, afastado pela graça de Deus, dessa pista permanente onde todo o mundo corre, em circulo de ferro fechado, na certeza plena de jamais ganhar, nem por cabeça, porque corre sem finalidade raciocinada; corre, sim, para alcançar a pri-

DECIO

lá vae rolando a ultima folha deste outomno!
Lá vae rolando!
Parece um corpo se despedaçando!
E era uma folha linda! Era um pedaço de alma,
e uma miragem pela tarde calma!...
. . . .

Eros Volusia, em teus bailados emotivos,
em teus gestos de angustia, convulsivos,
de "Ultima Folha de Outomno",
como um milagre, pela tarde calma,
deste corpo á emoção, deste á uma folha uma alma.

e despertaste muitas cousas do abandono
de um passado qualquer,
que a gente sabe que passou, mas ainda quer!

Eros Volusia! E's uma excelsa bailarina!
Folha morta... Mulher... Alma ou menina...
E's o Demonio para os sonhadores,
porque sabes fazer vibrar um gesto langue,
o tedio, a impaciencia, as torturas e horrores,
do amor, do sonho, da paixão, do sangue!...

OSWALDO GOUVÊA

Vertigem

meira parada proxima — ½ kilometro da estação ultima na vida de relação — Do Invisivel — ou como bem affirmou o admiravel talento de Floriano de Lemos, no seu artigo — "O Poema da Morte", conceitando a humanidade "a correr menos, para não chegar antes do horario á estação final dos Sete Palmos de Terra".

Francamente, para o homem calmo e reflectido que vem á cidade — turbilhão, á cidade vertigem, em passeio ou a negocio, deixando a macieza tonificante que vivifica e faz bem, prolongando vidas, do interior de Minas, principalmente, descendo entre sinuosas as escarpas verdejantes das montanhas grandiosas, sente que, desde a ave que vôa demais, até a humanidade que corre sem sentir, vão vertiginosamente envolvendo-se na corrente dynamica que vae triturando ossos e carnes, fazendo dissipar sensações e prazeres espirituaes, voando, correndo, correndo sempre á procura, não da propria vida, que o instincto apaga e estanca, mas, ao encontro da treva, que sempre se acha mais proxima de nós — A Morte.

Finados, na cidade-vertigem.

BARRETO

AS ESTATISTICAS DO ALCOOLISMO — Na França, na Suissa, na Italia e na Inglaterra trinta por cento dos suicidas devem-se ao alcool.

A França gasta cem milhões de francos, annualmente, na assistencia de alcoolatras chimicos. A Inglaterra despende 205 milhões com o mesmo serviço.

*

O COLLARINHO E A GRAVATA — O collarinho e a gravata, contra cujo uso os homens protestam, são instrumentos de supplicio essencialmente modernos?

Os romanos usavam o focal, especie de collarinho dobrado que só se punha em casos de indisposição.

Anteriormente a este focal,

não se encontra na edade antiga nenhum indicio de um objecto que se assemelhe á gravata.

Os povos da Edade Media conservavam o pescoço desnudo. Até a época de Luiz XI da França o collarinho não se elevava acima do casaco e só no tempo de Francisco I é que o ultrapassou, tomando a forma de pequena golla.

Alargando-se, estreitando-se em forma de tubo, esta golla já nos reinados de Carlos IX e Henrique II cresceu desmesuradamente.

*

OS OLHOS E O AR DO MAR — Dizia o dr. Thomaz Bret, que, ao contrario do que geralmente se pensa, o ar do mar não exerce nenhuma influencia nociva sobre os olhos.

A prova disso é que os marinheiros soffrem muito menos da vista que os agricultores e operarios, porque não estão expostos á acção da poeira irritante e malefica.

Por outro lado, os olhos supportam muito bem a agua marinha e o vento do alto mar, bem longe de ser prejudicial, produz effeitos excellentes em certas conjunctivites chronicas.

A VIUVA

Dr. O. DIMOV

* * *

HELENA, apoiando-se no braço de Alexandre, com ar romantico, começou a caminhar lentamente. A noite se approximava, o pó cobria a rua, respirava-se uma aura dulcissima, fresca e melancolica.

— Tens frio, querida? — perguntou-lhe Alexandre, afagando amorosamente sua esposa.

Haviam-se casado quatro annos antes, mas parecia que seu resplandecente e fiel amor nascêra naquela primavera. Viviam para si mesmos. A vida de sociedade não lhes interessava.

Ella não teve tempo de responder: ouviu atraz de si um rumor estranho e medido. Helena voltou o olhar, e viu a dois passos um automovel. Quiz agarrar seu marido por um braço, mas não teve tempo. Poz-se a gritar. O automovel desappareceu entre a poeira que levantava. Alexandre jazia no chão, pallido como a morte. Na realidade, já não se tratava de Alexandre inteiro, porque suas pernas estavam separadas do tronco. Helena teve tempo de observar que do automovel fôra vista a scena.

No dia seguinte, meia hora antes da missa de corpo presente, Helena recebeu a visita de um cavalheiro. Ella estava pallida e nervosa, vestida de rigoroso luto. Lançou um olhar distrahido ao desconhecido, e lhe disse:

— O senhor deve ser, com certeza, um amigo de Alexandre. Quer vel-o? Apenas mudou. Parece que dorme.

O visitante continuou parado, sem demonstrar interesse por ver os restos mortaes.

— Senhora — falou, — minha visita não tem nada de agradavel... Eu não tive a honra de conhecer seu marido... Eu..., eu... sou o homem do automovel...

A viuva examinou-o com curiosidade.

O visitante era um joven de cerca de vinte e oito annos, alto, bem vestido e elegante. Seus olhos azues expressavam um sincero arrependimento e uma grande compaixão pela dor daquella mulher.

— Estou fóra de mim pelo que occorreu — ajuntou, pondo a mão no coração. — Mas nunca me perdoará.

— Meu Deus! — exclamou a viuva, chorando silenciosamente.

— Está chorando? — perguntou, assustado, o visitante.

E sua voz revelou uma sincera dor.

— Não, já não choro... — disse, precipitadamente, Helena.

— Creia-me... Si eu soubesse que era seu marido, não me atreveria... Creia-me!

— Por que não se senta? — propoz-lhe a viuva. — Sente-se! E desculpe...

— Obrigado — disse o visitante, tirando as luvas. — Affirmo-lhe que logo que desci do automovel

(*Continúa na pag. seguinte*)

dei uma bofetada no chauffeur...

— E por que? — perguntou a viuva.

— Não, não o defenda... Dei-lhe uma bofetada.

Depois se levantou.

— Vae permittir-me que colloque uma corôa sobre o féretro de seu marido... Pouca coisa... Uma modesta homenagem..., embora não houvesse tido o prazer de conhecel-o...

— Uma corôa? Com muito prazer... Mas não sei si será conveniente...

— Permitta-o, senhora. Deixei-a na ante-câmara, atraz da porta. Volto immediatamente. Desculpe...

O visitante desappareceu e reappareceu um segundo depois. Levava na mão uma magnifica corôa de flôres com duas enormes folhas de palma. Em uma fita de sêda estava escripto, em letras de ouro:

"A uma victima do progresso desapparecida antes de tempo. Homenagem de um desconhecido".

— Ah! Que coisa magnifica!... — disse Helena. — Agradeço-lhe em nome do finado...

Os funeraes realizaram-se dois dias depois, e por desgraça o tempo mudou. Funeraes de segunda classe, que a chuva e o vento fizeram, no emtanto, parecer de terceira.

O visitante demonstrou durante aquelles dias uma estranha energia: esforçou-se em organizar tudo; brigou com o empresario de pompas fúnebres; discutiu com os cocheiros.

— Sem o senhor, eu estaria perdida... — dizia-lhe, a cada momento, Helena.

O visitante compareceu ao enterro, e deu as opportunas disposições. Estava de prato, o que lhe dava um ar muito elegante. Os criados e porteiros o conheciam e saudavam.

O cortejo fúnebre avançou com grande solemnidade pelas ruas da capital. A viuva caminhava atraz do coche mortuario, amparada por um irmão do defunto, um funccionario que procurava acalmál-a.

— Eu me lembro que em minha infancia dizia a Alexandrino: "Qual de nós dois morrerá primeiro?" E foi elle... Elle, que nasceu tres annos depois de mim...

Durante o trajecto, o visitante não se mostrou quieto, dando continuas ordens. Vigiava os empregados da funeraria. Deteve um bonde, obrigando-o a dar passagem, cavalheirescamente, ao cortejo funebre. Ia para a frente e para traz, afim de que não se distribuissem as flôres com excessiva prodigalidade. Valia por quatro.

Helena, de vez em quando, o olhava. E, embora o perdesse de vista, o distinguia sempre por sua elevada estatura.

No cemiterio, a viuva sentiu-se mal. O visitante, porém, levava amoniaco, bromureto e uma garrafa de cognac.

O estudante Gornij, do Instituto, pronunciou uma bella oração fúnebre, e Helena, apoiada no braço de seu protector, chorou, docemente...

— Chore — dizia-lhe elle. — As lagrimas consolam... Quer cognac?

— O senhor é muito amavel... Obrigada. Que seria de mim sem o senhor?...

Elle tornou:

— Não é o caso de demonstrar-me reconhecimento. Permitte-me que a visite esta noite?

Helena inclinou a cabeça.

•

CHEGOU o inverno. Sobre a rua se extendia uma espessa capa de neve. Rapida-mente, circulavam os carros, nos quaes se viam mulheres elegantes.

Helena estava na janella e olhava para a rua. Em sua casa se condensavam as sombras. Atraz della, deante de uma pequena mesa, estava o visitante, sentado em uma commoda poltrona. Suas pernas estavam extendidas. Fumava um longo charuto. Depois de um bom almoço com a bella viuva, experimentava um agradavel cansaço.

— Minha vida deslisa triste e monótona — dizia a viuva. — Os dias se parecem atrozmente. Tenho a impressão de que passou uma eternidade desde o dia em que me vesti de luto.

— São, ao todo, quatro mezes e meio — respondeu ternamente o hóspede.

— Sim, é possivel. Entretanto os outros se divertem, gozam a vida e eu... Acaba de passar a Drusskaja... Como se diverte!...

— Com quem? — perguntou o hospede, movendo-se negligente-mente.

— Com Lochmanov.

— E Nicolás?

— Foi despedido...

— Não o sabia.

Novo silencio. Ouvia-se o tic-tac do relogio.

— Quer que accenda a lâmpada?

— Não é preciso... — disse Helena, após uma longa pausa.

O hospede levantou-se apressadamente.

— Meu Deus! Está chorando... Por sua voz sinto que chora... Por que motivo? Por que?...

Tomou-lhe uma das pequenas mãos. Beijou-a e disse:

— Não se deve chorar. Não se deve. Isto não tem sentido. As lagrimas só servem para arruinar a pelle...

— Qual é o objecto de minha vida?

— Animo, gentil, querida e adoravel amiga! Vamos ao theatro?

— Mas... posso ir?

— Póde. Si eu a convidasse para a ópera ou para a opereta, realmente não seria possivel. Mas iremos ver um drama. Assim não se interrompe o luto. Pelo contrario: o drama, por assim dizer, o reforça.

— Ah! Não necessito reforçal-o. Mas... estão representando alguma coisa que preste?

— Coisa muito interessante, segundo ouvi dizer. O galã ama a duas mulheres, mas uma dellas se sacrifica pela outra, e esta, que o sabe, se sacrifica tambem. Mais do que um drama, é uma tragedia.

— Haverá ainda entradas?

— Certamente. Não se preoccupe com esse detalhe.

— Que horas são?

— Sobra tempo...

— Então, vou mudar de vestido...

— Muito bem. Esperal-a-ei aqui.

— Vestirei a blusa azul. Não é o mesmo? Na realidade, a gente só anda de luto pelos outros...

— Naturalmente!

— Não se vae ao theatro para se inundar de tristeza... E si eu fosse com o vestido amarello? Que lhe parece, Aleixo?

— Parece-me que o vestido amarello se adaptará perfeitamente á situação. Que talento, que talento tem você, Helena!

— Vestirei o amarello. Fique aqui. Deixarei a porta entreaberta para poder conversar com você. Mas recommendo-lhe que não venha espiar...

— Fal-o-ei apenas com um olho...

— Curioso!

E foi vestir-se.

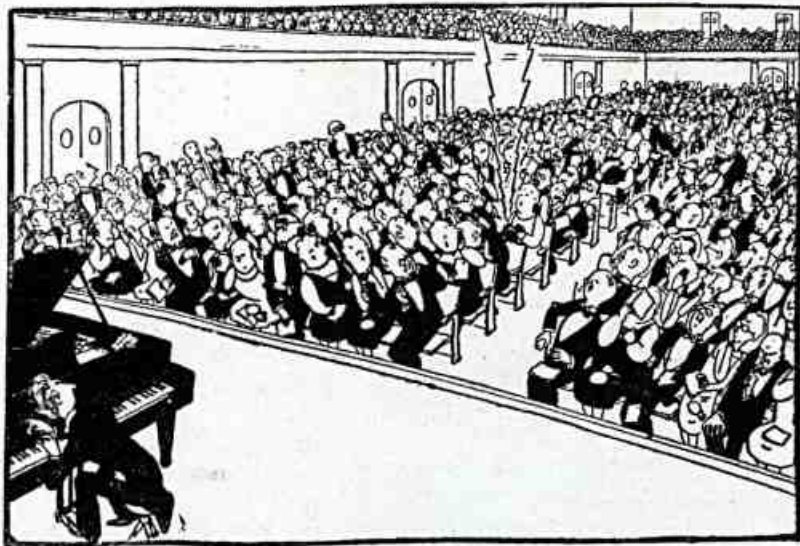
*

CHEGOU de novo o verão. Helena, apoiando-se no braço de Aleixo, com ar romantico, começou a caminhar lentamente. A noite se approximava, o pó cobria a rua, respirava-se uma áura dulcissima, fresca e melancolica.

— Tens frio, querida? — perguntou-lhe Aleixo, afagando amorosamente sua mulher.

De repente, Helena se sobresaltou. Ouviu, atraz de si, um estranho ruido.

— Attenção! E' um automovel... — disse ella.

— Está longe... Como és medrosa!... — respondeu o marido, estreitando com reconhecimento sua pequena mão...

A mulher que fechou sua carteira durante um concerto...

FON-FON

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 1932

O Gigolô

QUANDO o criado depôs sobre a toalha a frasqueira de licôres e cognacs, o meu amigo Korzeniowski, descende do famoso revolucionario polonês dêsse nome, e primo do grande escritor Joseph Conrad, puxou do bolso uma linda cigarreira de platina. Eramos, em volta da mêsa, tres velhos amigos, além dêle, reunidos no seu apartamento da rua de Rivoli para festejar uma data intima. Todos admirámos o luxuoso e discreto objecto.

Korzeniowski, estendendo o braço, mostrou-nos um relogio-pulseira do mesmo metal e disse com um sorriso misterioso:

— São dois presentes da mesma pessôa — uma mulher, e ganhei-os como gigolô...

Disparámos a rir. De pé, quasi encostado á parede do fundo da sala, entre duas velhas gravuras representando o principe Powiatowski e o poeta Adam Mickiewicz, o mordomo, enfarpelado numa libré vermelha, mantinha-se solene e imóvel como um idolo ensanguentado. Pelas amplas janelas abertas entrava a frescura perfumada dos jardins das Tulherias e a luminosa intermitencia dos anúncios da Citroen, instalados na Torre Eiffel.

— Conte-nos essa história! pedimos.

Korzeniowski falou:

— Ha uns cinco anos, achava-me no Dolder Hotel em Zurich, quando ali apareceu uma parisiense linda. Dizia-se viuva. Flirtámos e acabámos por onde sempre se acaba, nêsses casos, sendo amantes. Certo de que ela não me conhecia e de que naquêle recanto da Suissa ninguem havia que pudesse dar-lhe informações sobre a minha fortuna, fingi-me apaixonado e quiz, como se diz vulgarmente, *bancar o gigolô*, ou em linguagem mais nobre: ser amado por mim proprio.

Durante uma quinzena, fui-me aos poucos capacitando disso e mais ainda me convenci quando, tendo de partir por uns dias para Viena, a formosa criatura me deu, como lembrança do nosso amor, êste relogio e esta cigarreira.

Até que emfim eu era rebaixado de coronel a gigolô!

No fim da semana, porem, recebi uma conta da joalheria Meyer: uma cigarreira de platina com fécho de esmeralda e dois relogios-pulseira, tambem de platina, um dos quais cravejado de brilhantes e pelo preço módico de trinta mil francos...

Paguei elegantemente...

Outra gargalhada no salão enfumaçado pelos Corona. Olhei ainda o mordomo de libré vermelha perfilado ao fundo, entre o guerreiro e o poeta. Continuava solene e imóvel como um idolo ensanguentado.

GUSTAVO BARROSO

Os academicos Laudelino Freire, de escuro, e Gustavo Barroso, de branco, fazendo o «footing» na Avenida, depois da sessão de quinta-feira na Academia.

A MINHA RUA

EU moro numa rua sympathica. E' um pouco velha. A sua feição é antiquada. E dá a impressão de que, nas suas fachadas, dorme o espirito tranquillo de cincoenta annos historicos.

Cada jardim nos offerece o espectaculo de uma duzia de canteiros, cheios de rosas, bogarys e accacias. Cada janella nos mostra, ao entardecer, sob a serenidade do crepusculo, um rosto bello de mulher.

Sim. Porque a minha rua é uma longa vitrine, rica de cabeças lindas e louras.

O louro é o seu tom dominante.

Possúe uma originalidade marcante: algumas arvores tortas. Ramos encarquilhados pela velhice e pelos soffrimentos da sua obscura vida vegetal.

As tempestades, os furores das intempéries são como as dôres humanas: envelhecem e entortam a alma impenetravel das coisas.

A minha rua não deixa de ter as suas vulgaridades. Dois ou tres pares de namorados ridiculos. "Bras-dessus, bras-dessous", elles se escondem nas ralas nesgas de sombra, que a illuminação publica lhes concede, para os arrulhos da noite.

As vizinhas maliciosas expendem o seu conceito sobre elles. E esse conceito varia.

Para umas, os cavalheiros são apenas — "piratas". E ellas, — "umas assanhadas".

Ha quem os qualifique de outro modo: "Namorados sem futuro" e "pequenas desfrutaveis".

Os homens, isto é, os philosophos, como eu, dizem, simplesmente: "E' o amor que se expande, feliz." Um medico, meu amigo, estudioso de Freud, sentencia com scientifica frieza: "E' a libido objetiva, em acção".

As beatas, as santarronas, de rosario na mão, asseguram que esses amorosos risonhos são "peccadores impenitentes"... Não escaparão das caldeiras do inferno...

Como tudo isso me parece pittoresco, meus senhores!

Afinal de contas, que seria de nós, si a vida não fosse assim?

Uma figura curiosa. Um ebrio contente que faz "meetings" politicos e de moralidade arrepiante.

A's vezes, é necessario fechar-lhe os ouvidos e deixal-o falar no deserto, como S. João Evangelista.

Mas o orador é sempre muito interessante...

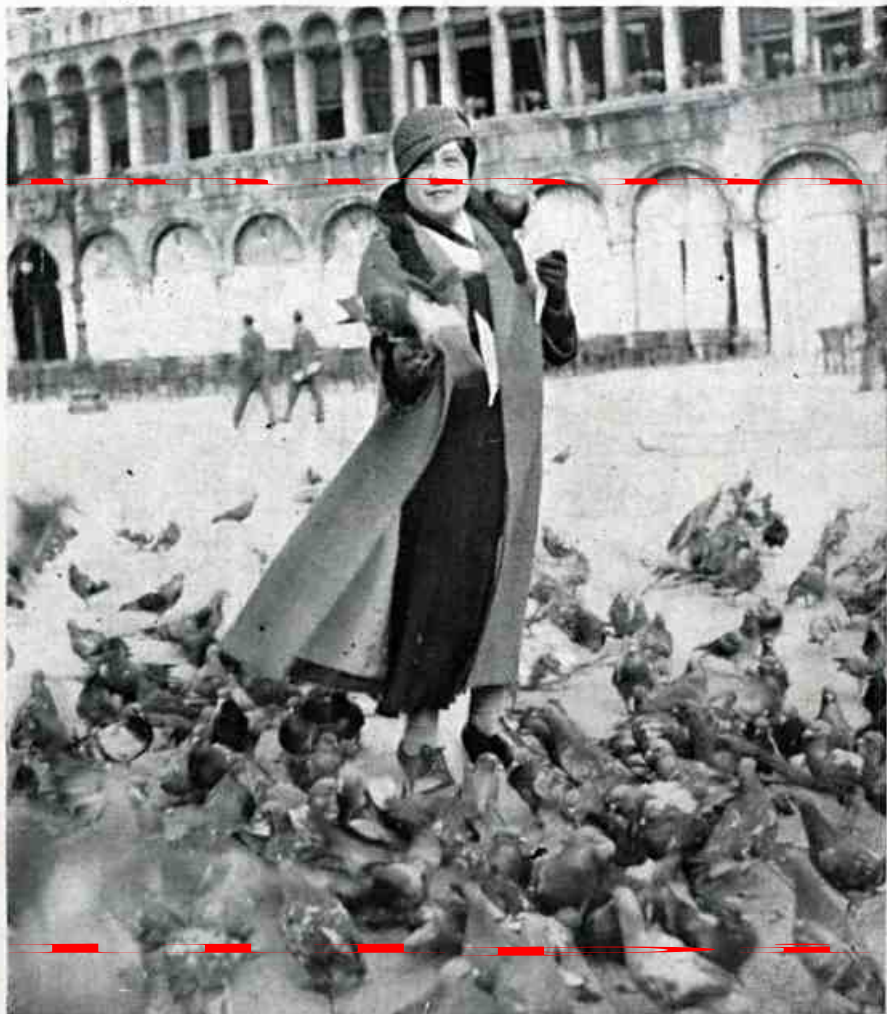
A nota alegre e amavel da minha rua são as creanças sem peccados e sem venenos secretos.

Eu gosto das creanças da minha rua. Quasi todas são minhas amigas dedicadas.

Brinco com ellas. E' uma maneira de retornar aos tempos infantis.

Presentemente, atravesso uma crise forte de scepticismo. E para esses estados de alma, não ha nada como o doce consolo da innocencia.

YVES

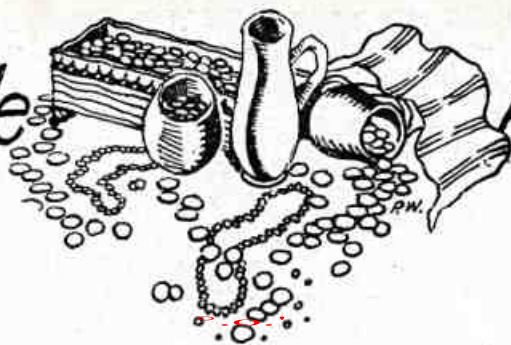
«FON-FON» EM VENEZA

Mme. Ada Sérgio Silva, na praça de S. Marcos, em Veneza. Os pombos da cidade dos doges não têm fel. Mas, si o tivessem, decerto, seriam attrahidos pelo sorriso amavel de madame Ada. Sorriso onde ha um pouco de bondade para as aves e uma pontinha de saudade do Brasil...

ACONTECIMENTOS DA FRANÇA

Na cidade dos antigos combatentes francezes, Neuville, em Saint-Vast, acaba de ser inaugurado «Le Flambeau de la Paix», estatua que representa a chamma da concórdia universal e symboliza o anseio de todos os corações que combatem o flagello da guerra e desejam vêl-o banido dos destinos da humanidade. Focalizamos, aqui, dois detalhes da cerimonia inaugural desse grande monumento, vendo-se em um delles, discursando, o deputado cego Scapini, glorioso mutilado da Guerra Européa.

No dia em que passou o 30.º anniversario da morte de Emilio Zola, os amigos e admiradores do grande escriptor promoveram, como todos os annos, uma peregrinação á casa onde morou o autor de «Germinal», na cidade de Medan, e, ali, deante do edificio e da estatua que se ergue á sua frente, reverenciaram a memória, evocaram a vida e exaltaram a obra de uma das mais celebres figuras das letras francezas.

(Photographias do Serviço Especial de FOX-FON em Paris).

Caverna de Ali Babá

JARDIM ALHEIO

As idéas vêm sempre de cima.

O homem só começa a ser homem com o sentimento e o pensamento.

Ha uma grande differença entre uma educação venal, ministrada pelos que disso fazem uma industria, e a educação dada em nome de Deus e inspirada pela dedicação religiosa cuja unica recompensa é o céo.

O homem muito joven é incapaz de amar.

A pedra guarda uma memoria mais tempo do que um coração. E' por isso que se gravam nomes e legendas na lapide dos sepulcros.

Lamartine

Todo governo de minoria é governo de brutalidade.

Os governos que se succedem são, apesar de suas origens differentes, solidarios uns com os outros.

Quando as rãs se calam, ouve-se melhor o côro das estrellas.

As baixas delações de policia sómente vigoram nos governos scelerados.

Republica e democracia não são duas realidades identicas.

A democracia somente ama a liberdade e a desordem.

As concessões in-extremis deshonram e não salvam.

Emile Ollivier

A gente supporta seus irmãos; mas escolhe seus amigos.

Napoleão III

Os homens, quando bem governados, não querem outra liberdade.

Machiavel

Só os ataques chamam a attenção. Esquecem e fica unicamente guardada a lembrança do nome ou do acto atacado.

Lesseps

Os amigos intolerantes da liberdade reclamam-na incessantemente e sem limites para elles, mas recusam-na a seus adversarios.

Thivillier

Se um Estado póde ser perturbado pelo que dizem os jornaes, parece pelo que elles não podem dizer.

Bonald

POESIA MODERNA

A poesia moderna do Brasil enfeita-se toda com o apparecimento dos «Poemas Escolhidos», de Jorge de Lima. A graça primitiva, expontanea, desataviada de rhetorica desses poemas consagrou o autor, aureolando-o como um dos mais puros interpretes de belleza, neste passo da evolução da poesia brasileira. Jorge de Lima creou um nome á parte entre os modernistas, pelo contingente pessoal de originalidade, pela fórma e pelo sentimento com que expressou em rythmos a sua esthesia deante do espectaculo da natureza. Seus poemas têm vozes estranhas á musica dos versos correntes; mas, si a gente apura o ouvido e aguça a sensibilidade, surprehende que essas vozes são proprias da nossa indole e captam sonoridades recônditas da nossa natureza. «Poemas escolhidos» marcam a poesia moderna do Brasil e authenticam o poeta destes cantos, como um interprete puro da sensibilidade do seu tempo.

FOLK-LORE NORDESTINO

Sempre foi triste o des-[tino
De quem me intima : isto não
Dannado me desatino
Faço tina de christão
Toro braço, alejo perna
Regeito munheca e mão.

Fale lá como quizé
Que comigo eu não me [zango;
Com você sou que nem [onça
Dando tapa num calango;
Ou então um gallo veio
Dando peitada num fran-[go

Quando eu me ditrimino
Faço tudo quanto enten-[do;
Pego, solto, agarro e dei-[xo;
Paro, quebro, corto e [emendo;
Broco o mato, asséro e [queimo
Planto, limpo côio e ven-[do

Menino, me faz favô
Me diga lá num repente
Qual é a dô que mais dóe
Que mais atormenta a [gente?

Eu penso que é o pana-[risso
E' dôzinha impertinente
Mas, porem, tem muitas [outra
Que eu lhe digo num [repente:
Ferroada de lacrau
Faz o pé ficá drumente;
Tem outra dô condemna-[da
Que é pisá-se em braza [quente.

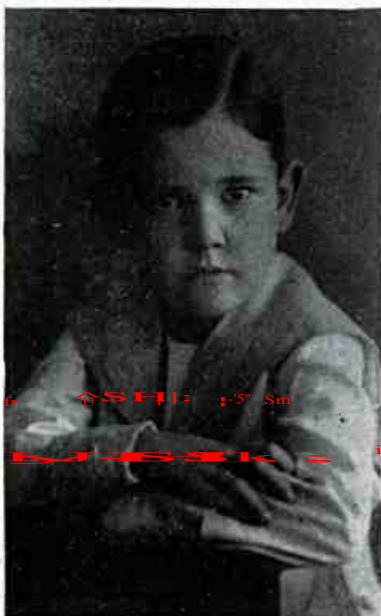
Tudo se acaba cá vida
Perde a cô e perde o [nome.
Toda belleza da terra
A propria terra é quem [come
Tudo fede quando morre
Morre a muié, morre o [home.

Tem duas coisas no [mundo
Que eu nunca pude en-[tendê
E' padre i pro inferno
A outra é dotô morrê...

Sésamo

O Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia do Rio de Janeiro prestou, a 3 do corrente, expressiva homenagem aos drs. Eduardo Meirelles e Orlando Góes, offerecendo-lhes um cordeal almoço, no qual tomaram parte, além dos banqueteados, os drs. Carvalho Cardoso, Moncorvo Filho, João Alves Affonso Junior, Luiz Barbosa, Moreira da Fonseca, Nilo Bezerra Antunes, Sylvio Rego, Renato Machado, Gabriel de Andrade, Bastos Netto, Claudio M. de Azevedo, Agenor Mafra, Armando Fragoso, Waldyr Azevedo Franco, Gonzaga de Castro, Aristides Amaral, Roberto Paes, Jesuino de Albuquerque, José Torres, Hans Vogel, Raul Pacheco, Octavio Lobo Vianna, Alberto Legey, Natalicio Camboim e Carlos Alberto Espirito Santo, que se vêem no grupo. No medalhão, o dr. Carvalho Cardoso, que falou em nome dos seus collegas, offerecendo o ágape, quando lia o seu brilhante discurso.

* * *

A Associação dos Artistas Brasileiros inaugurou sabbado ultimo, no Palace Hotel, o 1º Salão do Livro, iniciativa original e louvavel, pelos intuitos que a animam. No 1º Salão do Livro figuraram originaes de illustrações dos nossos mais reputados artistas, vivos e mortos, como Rugendas e Raul Pompeia, entre os primeiros, e Paulo Werneck, J. Carlos, M. Constantino, Raul, H. Cavalleiro e Alvarus, entre os ultimos.

Roberto Lyra Filho, que aos seis annos já tem «pose» de magistrado, para mostrar ao seu papá, o dr. Roberto Lyra, que poderá ser um optimo continuador das suas glorias juridicas...

O nosso amigo marchava ao lado de uma bella rapariga, muito convencido de que a esposa estava em casa. Fazia calor, um dia escaldante, abafado, que pedia repouso, mettida a gente em roupas caseiras... Elle assim imaginava e assim devia ser, porque *madame* tinha verdadeiro pavor dos dias de verão. Acontece, porem, que o nosso amigo anda *pesado*, e não devia facilitar apresentando-se em publico ao lado de *outra*, que não a esposa.

Caminhava muito tranquillo, fazendo projectos côr de rosa. Quando comprava ingresso para entrar num cinema, com a bella rapariga ao lado, experimentou a maior das surprezas da sua vida.

A esposa passou-lhe a mão pelo braço, e alli mesmo despejou uma série de tremendos desaforos. Estava colérica, medonha! Elle ouviu tudo, calado, e marchou, corrido de vergonha, para casa. Foi um escandalo *alinhado*.

Entretanto, a causadora do mesmo achou que não devia perder a occasião e, como estava de posse dos bilhetes, entrou no cinema...

A galante morena sentiu-se feliz por ter conseguido attrahir, para debaixo do seu guarda-sol listrado, certo rapaz que parecia distrahir-se na praia, prestando attenção apenas ás ondas do mar...

Foi uma encantadora opportunidade para ambos, e como era natural num primeiro encontro tiveram assumpto para longa e demorada palestra. A companheira da morena é que não gostou da novidade, tanto que abandonou a sombra protectora do guarda-sol listrado, refugiando-se além, em outro posto de Copacabana.

Depois de alguns encontros agradaveis, a morena chegou, certa manhã, á praia e não viu o rapaz.

Cruel decepção!

Esperou pelo dia seguinte, sonhando ser mais feliz. Elle não appareceu. Então, a morena lembrou-se de excursionar pela praia, afim de espantar as tristezas. Quando chegou ao posto 4, ficou tonta... O rapaz lá estava, mas,

O pequeno Octacilio Lessa e sua galante priminha Nelly Guimarães, brincando de namorados... Octacilio é sobrinho do nosso prezado companheiro M. Constantino.

abarracado com a amiga, sua companheira, que havia fugido do guarda-sol listrado...

O flagrante desconcertou a morena, mas não produziu effeito sobre o animo do casal, que continuou a palestrar como si nada houvesse acontecido de extraordinario.

Agora, a pequena faz uma terrivel propaganda contra o caracter do rapaz, esquecendo-se que elle é o menos culpado, no caso. A morena devia culpar a *outra* fulana, que é coisa ruim... De vez em quando, arma uma trahição ás companheiras, mas nem assim consegue marido.

AS grandes cidades têm os seus mysterios...

Quando *madame* atravessa a Avenida e entra numa casa de chá; quando faz o *footing* no Flamengo ou percorre os cinemas da moda, debaixo dos pannos caros, elegantissima, distribuindo sorrisos como para se mostrar venturosa o que nós pensamos é uma coisa: ella é rica. Ou, então, que o marido é um cavalheiro altamente collocado, dispondo de vasto ordenado ao fim de cada mez.

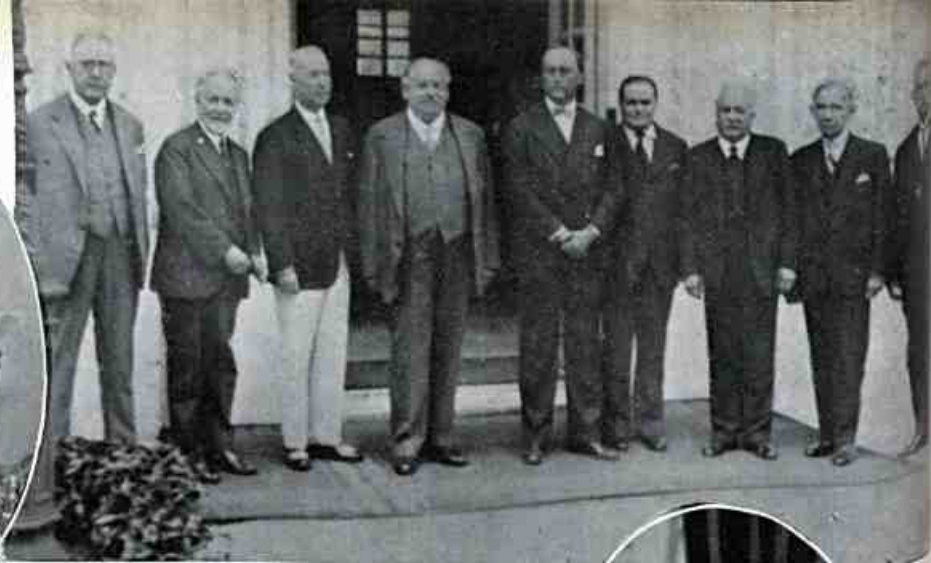
Naturalmente a julgamos feliz, no recato do lar, cercada de todo conforto material, ao lado do esposo, bom sujeito, pacato, tambem feliz, tanto assim que deve passar os dias mamando charutos havanas.

Entretanto, nem tudo que luz é ouro, diz o povo, na sua alta sabedoria. A casa onde *madame* habita é mais que modesta, é modestissima, e o marido nem emprego tem, vivendo num eterno regime de aperturas. Mas, a esposa gasta á bessa, não anda de bonde nem de omnibus, e só conhece um meio de conducção: o *taxi*.

Como era difficil decifrar o caso de *madame*, entregamol-o ao tempo, que é um grande auxiliar de todas as coisas...

Agora, já sabemos de tudo, e foi até sem querer que penetrámos o mysterio. O casal tem um amigo que não é deste mundo! Como possúe fortuna, reparte um pouco do seu dinheiro com os outros, cabendo a *madame* uma excellente mesada... Está certo.

A galante pernambucana Maria de Lourdes Queiroz, applicada alumna do Collegio S. Marcello, desta capital.

Foi uma festa verdadeiramente encantadora, pelo seu alto cunho de elegancia e distincção, o «garden-party» que se realizou nos vastos jardins do Fluminense F. C., em beneficio da Associação dos Anjos da Caridade. Para esse festival de caridade foi organizado um variado programma, no qual tomaram parte artistas conhecidos, como Procopio Ferreira, Lamartine Babo, Jorge Fernandes, Olgarita del Amico, Dalila Geraldo e outros. A nossa gravura focaliza alguns aspectos expressivos dessa reunião elegante.

Flagrantes da sessão publica de segunda-feira ultima, na Academia Brasileira de Letras, em que foi recebido o barão Henry de Rotschild, que se vê num dos medalhões, quando agradecia a saudação do escriptor Afranio Peixoto, o qual falou em nome da illustre companhia. Nas outras photographias: a mesa que presidiu á solennidade — o dr. Gustavo Barroso ladeado pelo ministro Oswaldo Aranha, pelo embaixador Souza Dantas e pelos academicos Olegario Marianno e Adelmar Tavares, — um grupo á entrada do Petit Trianon e o illustre autor de «Maria Bonita» pronunciando o seu discurso.

BARÃO HENRI DE ROTSCHILD

O Brasil recebeu com prazer a visita dum dos membros da familia Rotschild, á qual está ligado por grandes interesses desde o tempo do Imperio. Filho do barão Jayme Eduardo, o barão Henri occupa-se mais com a arte e a philanthropia do que com as finanças. Veiu vêr-nos como escriptor á cata de impressões novas e declarou-se enthusiasmado pelo nosso paiz. S. Ex. demorou-se pouco: alguns dias em S. Paulo e Rio, regressando pelo *Atlantique*, que o trouxera de França.

Durante sua rapida visita, o barão Henri de Rotschild recebeu as melhores homenagens da nossa alta sociedade. Abriram-se em sua honra os salões das Embaixadas e da roda elegante. A Academia de Medicina recebeu-o como medico eminente que é, fundador de hospitaes, autor de trabalhos scientificos sobre pediatria. A Academia de Letras acolheu-o como prosador e theatrologo. Saudado no Petit Trianon pela palavra de Gustavo Barroso e Afranio Peixoto, pronunciou bella e sentida oração em resposta, numa sessão publica em que se reuniram os mais altos expoentes da literatura, da finança e da politica.

Sob o pseudonymo de André Pascal, o barão de Rotschild tem publicado e fei-

O barão Henry de Rotschild falando na Academia Nacional de Medicina, ao ser alli recebido em sessão solemne. Ao seu lado, o professor Miguel Couto, presidente daquella instituição scientifica.

EMBAIXADOR SOUZA DANTAS

Durante pouco mais duma semana, esteve no Rio de Janeiro o nosso eminente patricio Embaixador do Brasil em Paris, dr. Luiz de Souza Dantas. S. Ex. é um diplomata de alta escola e um coração aberto a todos os seus patricios. Não ha brasileiro que tenha pisado a velha e nobre terra da França que não fique seu amigo, de tantas gentilezas e obsequios elle sabe cercar os que com elle travam relações.

O dr. Luiz Martins de Souza Dantas, embaixador do Brasil em Paris.

Intelligencia clara, caracter nobre, educação aprimorada, cultura e simplicidade, nada lhe falta para ser um dos expoentes de nosso paiz, ao qual desde muitos annos presta, no estrangeiro, os mais assignalados serviços.

O Embaixador Souza Dantas é hoje, sem favor, uma das figuras de relêvo da diplomacia no mundo por todos os seus altos dotes de coração e de espirito.

GOTTAS...

O bem supremo a que o homem aspira é a liberdade de expandir-se.

•

O homem mais feliz será aquelle que mais completamente dér expansão a suas possibilidades intellectuaes, moraes e materiaes.

•

A poesia é o eco maravilhoso da harmonia universal.

•

A felicidade é fazer alguem feliz.

•

Para manter-se o bem estar geral, é necessaria a observação das leis e dos critérios estabelecidos.

•

O valor da dadiva está no valor affectivo de quem dá e... na necessidade que della se tem.

•

Domina a tua cólera, justa embora: a cólera é o nosso peor inimigo.

•

Fugi do tédio! Elle faz rejeitar muita cousa bôa e acceitar muita cousa má.

•

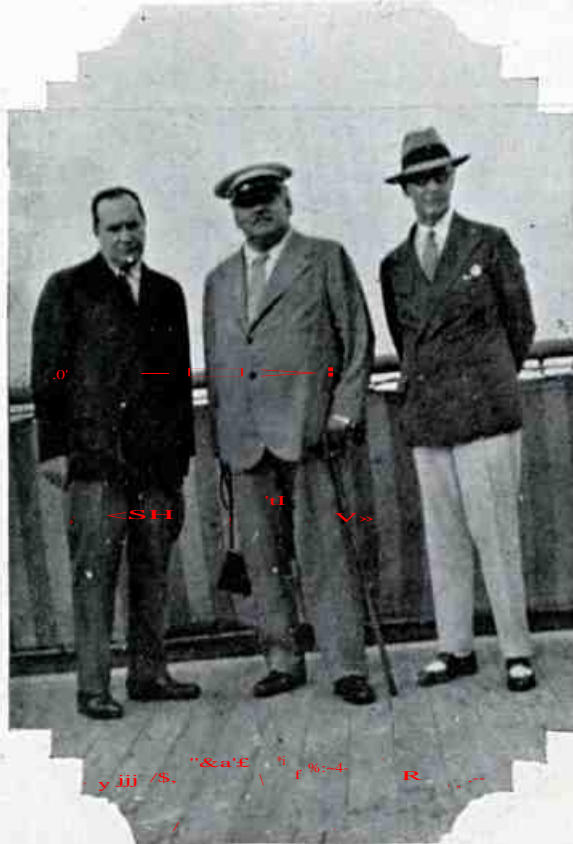
Muita gente, pelos modos, parece que nasceu com o mundo...

•

A felicidade não se pesa nem se mede: acceita-se e aproveita-se...

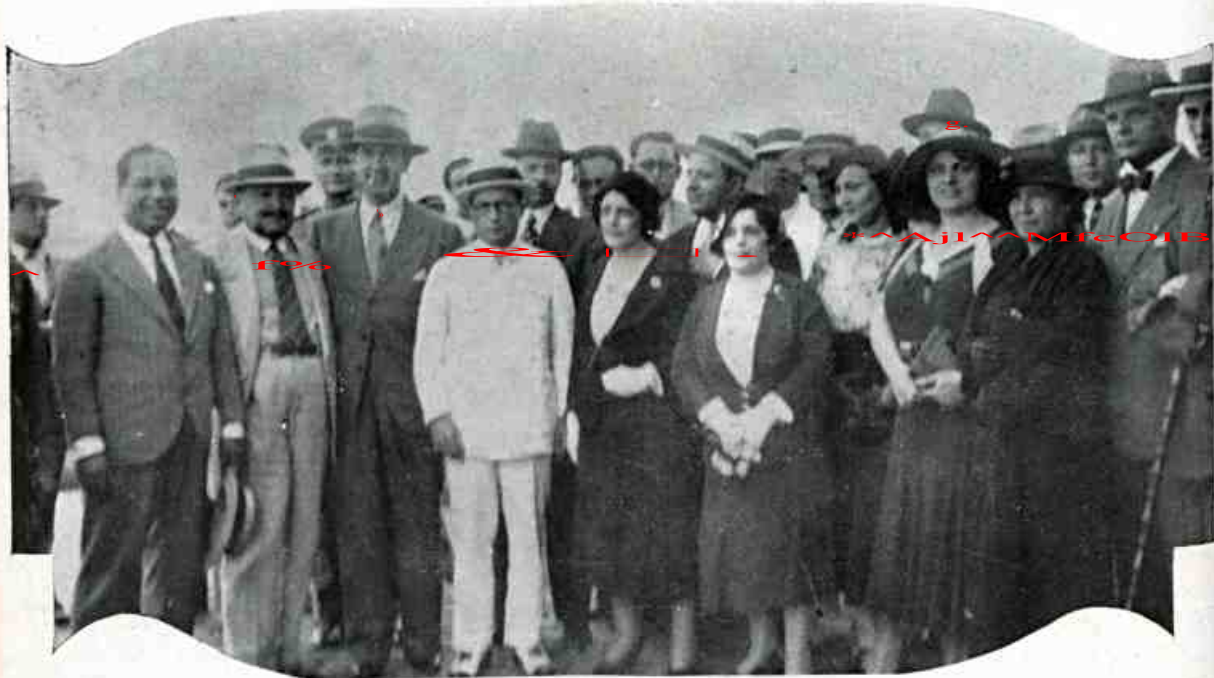
•

Só o que sabe amar sabe criticar.

Regina Reziére

Photographia do embaixador Souza Dantas a bordo do «L'Atlantique», acompanhado do barão Henry de Rotschild e do dr. Mahet de la Quérontais.

to representar em Paris innumeras peças dramaticas de grande valor. Como La Rampe, Grand Patron, Circé e Le Caducée, obra prima no genero, que obteve o maior exito. S. Ex. acaba de publicar emocionante e interessante livro de memorias intimas sob o titulo Croisière autour de mes souvenirs e, durante a travessia do Atlantico, escreveu um romance policial.

A' hora da partida, declarou a um dos nossos companheiros que fará um livro de exaltação ao Brasil com as impressões colhidas na sua visita, ao qual denominará Féeries brésiliennes. Julga, desta sorte, exprimir seu encantamento pela belleza de nossa patria e sua gratidão pela acolhida que recebeu.

Em todos os que tiveram occasião de tratar com elle, o eminente representante da secular casa Rotschild deixou a agradavel impressão dum homem culto, sincero, simples, bondoso e affavel, duma sympathia irradiante.

DO LADRÃO

Raras vezes o ladrão é uma resultante da occasião. O maioral de uma "quadrilha", o simples comparsa e o que delibera isoladamente têm o seu tirocinio...

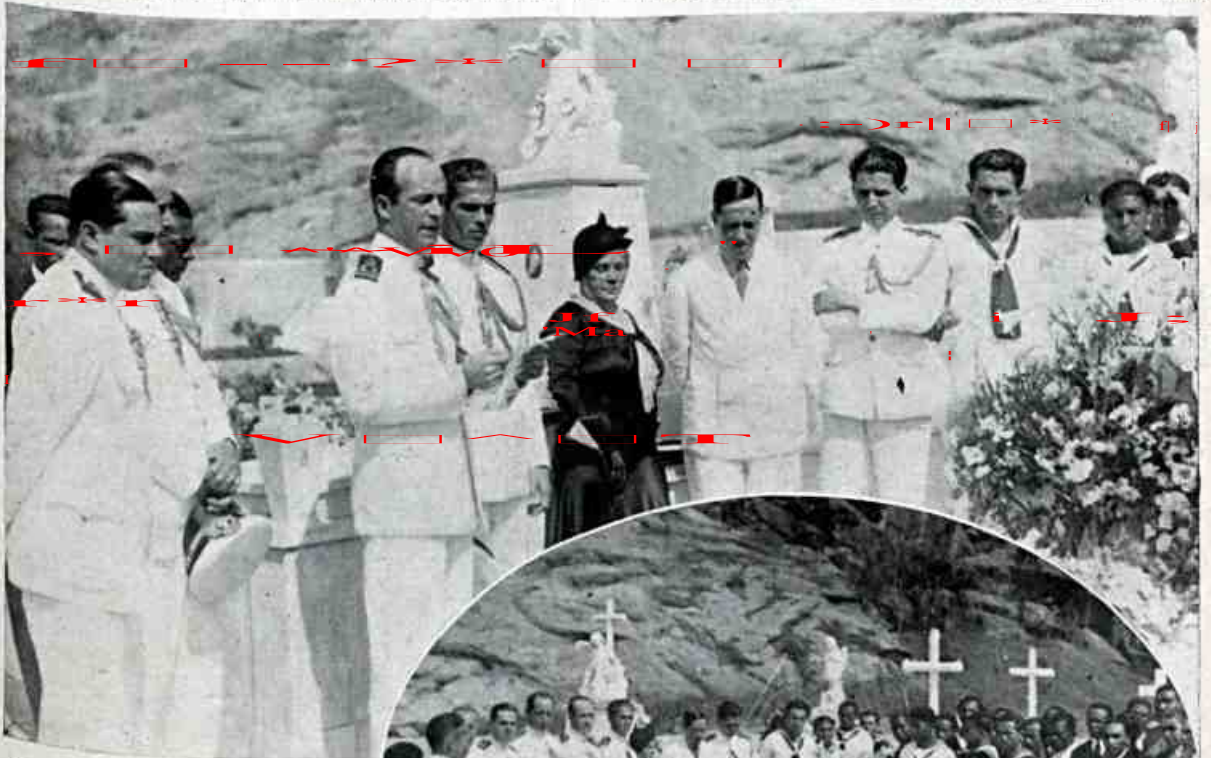
Além de subtrahir o alheio, o ladrão humilha a sua victima. Premedita o crime, disposto sempre a prejudical-a, apoderando-se de objectos apreciaveis, como si o proprietario não os merecesse.

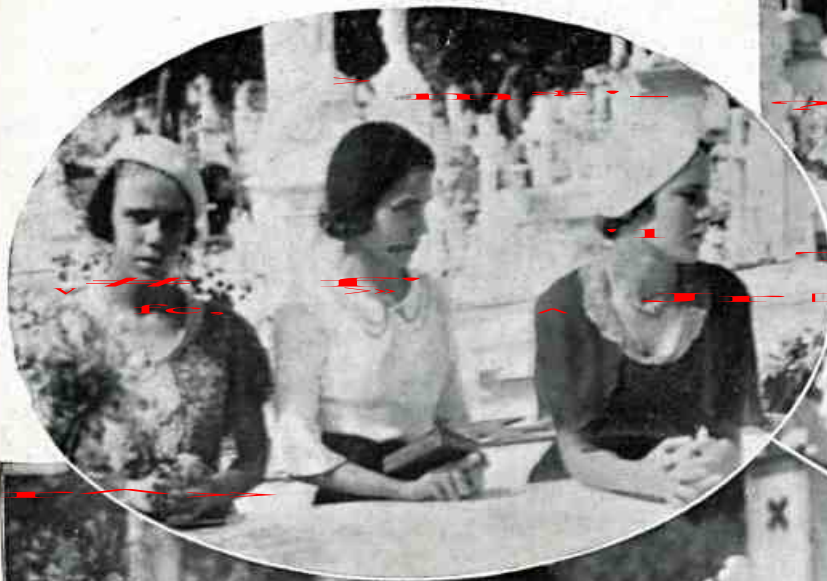
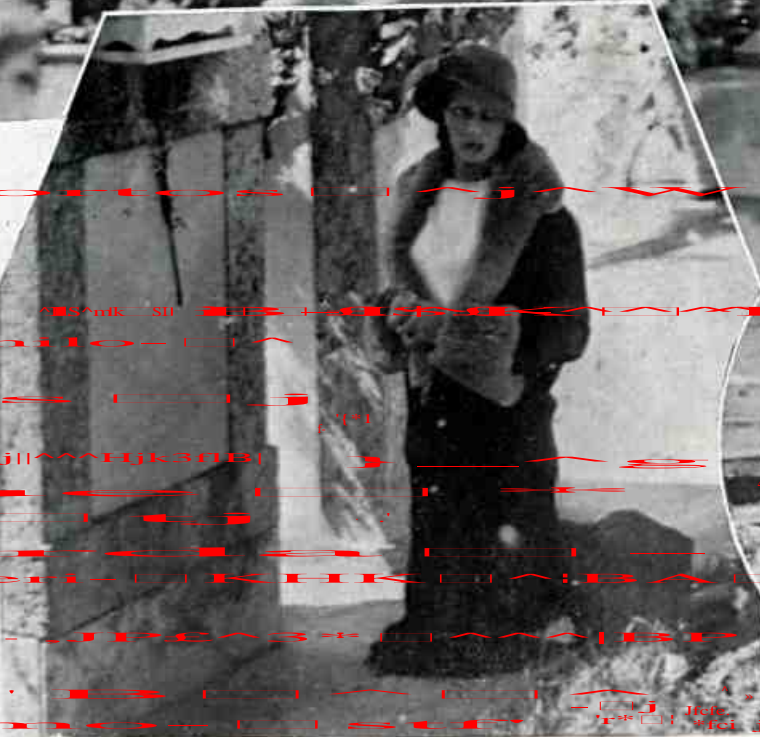
O peor ladrão é o que, por condescendencia, não denunciamos. Essa superioridade, entretanto, não o corrige: contribue para a pratica de outros delictos.

Só nos conformamos com os prejuizos de que nós mesmos fomos os responsaveis. O mais importante delles é o tempo perdido.

Alexandre Passos

Convidado pelo chefe do governo provisorio para occupar a pasta da Justiça, o dr. Antunes Maciel Junior, ex-secretario das finanças do governo gaúcho, acceitou o honroso convite, transportando-se, de avião, para esta capital, onde chegou sabbado ultimo, tendo carinhoso e expressivo acolhimento. O illustre e novo titular da pasta politica do governo da Republica empossou-se no alto posto que lhe foi conferido segunda-feira, á tarde, revestindo-se esta cerimonia, que se realizou no Palacio Monroe, de um caracter de distincta singeleza e sobriedade. As gravuras desta pagina focalizam, ao alto, um aspecto da chegada do dr. Antunes Maciel a esta capital, e, em baixo, um flagrante da solemnidade da posse do novo ministro da Justiça e Negocios Interiores.

A memoria de Ruy Barbosa foi, sabbado ultimo, tocantemente reverenciada pela familia e pelos amigos e admiradores do grande brasileiro, que promoveram uma romaria de saudade ao seu túmulo, no cemiterio de São João Baptista, em cuja capella o padre Ignacio de Almeida Leal celebrou missa em suffragio da alma do nosso glorioso Patricio. No grupo acima vêem-se as pessôas que participaram das homenagens á memoria de Ruy Barbosa.

Os marinheiros nacionaes da guarnição do «São Paulo» e de outras unidades da esquadra prestaram, sexta-feira penultima, tocante homenagem á memoria dos seus collegas mortos durante a revolução de 1924, a bordo daquelle couraçado, visitando-lhes e cobrindo-lhes de flores os tumulos, no Cemiterio de S. João Baptista, onde dois oradores disseram palavras de saudade áquelles heróes da Armada Brasileira. Esses oradores foram o capitão-tenente Arnaldo Pinheiro de Andrade e o sargento Propercio Tavares.

O dia dos mortos e o ... na saudade

Dia de finados. Por que repetir a philosophia de sempre? O dia dos mortos é aquelle que fala á alma de todos nós, que temos, inevitavelmente, a chorar a perda irreparavel de uma creatura querida. As necropoles refloresceram bem, com as demonstrações de piedade, que nellas se patenteiam, as emoções que nos empolgam, no dia consagrado aos que se foram para a eternidade. Este anno, como nos anteriores, foram muito expressivas as homenagens á memoria dos extinctos, nos cemiterios da cidade. E a nossa gravura estampa os aspectos mais commoventes desses tributos de saudade.

Um grupo de amigos e admiradores do dr. Getulio Vargas mandou celebrar no dia 3 do corrente, na igreja de S. Francisco de Paula, missa em acção de graças pela passagem do segundo anniversario do governo provisorio. O nosso «clichê» focaliza um grupo de autoridades no interior daquelle templo e um instantaneo do ministro da Guerra quando deixava a igreja de S. Francisco de Paula, após a cerimonia religiosa.

CINZAS...

CIGANINHA DO MEU AMOR

Você surgiu na minha vida, numa luminosa manhã de sol...

Você me pediu a mão para desvendar o segredo da minha vida.

Eu a neguei terminantemente. Sem lhe dizer o motivo.

Eu não queria que você soubesse que eu era feliz.

Você insistiu, ciganinha. Você insistiu muito. Eu acabei por lhe entregar tudo. Tudo, sim: minha mão e meu amôr.

VOCE

Eu amo os seus olhos porque elles têm a côr azulada do mar.

Adoro as suas mãos por tudo o que têm feito pelos desprotegidos da sorte, pelos que não têm o direito de ser felizes. Amo-a. Porque você é você. E você é tudo, meu amôr!

FELICIDADE

— Eu gosto deste tango.

— Por que?

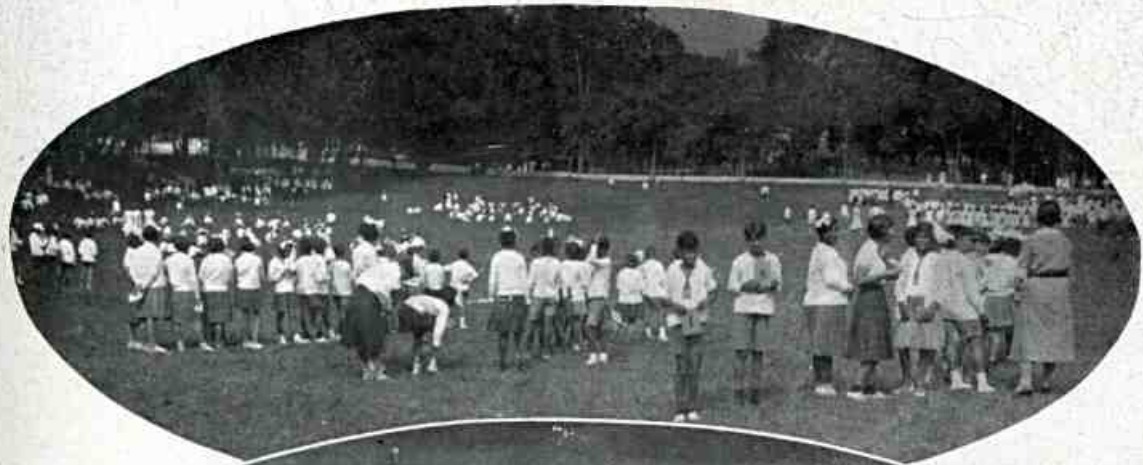
— Adoro as coisas impossíveis.

— E como se chama?

— Felicidade...

Edwaldo Calmos

O illustre presidente do Tijuca Tennis Club, dr. Heitor Beltrão, num grupo de galantes tijucanas que tomaram parte na festa-dançante em homenagem ao «team» feminino de «volley», vencedor da «Taça Tricolor».

A EDUCAÇÃO PHYSICA DA INFANCIA ESCOLAR

Promovidos pela directoria geral de instrucção publica, realizaram-se sabbado pela manhã, na Quinta da Bôa Vista, interessantes exercicios de gymnastica escolar, para uma demonstração dos novos methodos de educação physica infantil adoptados com exito nas escolas municipaes do Districto Federal. Cerca de tres mil crianças tomaram parte nesses exercicios, que se desdobraram lindamente, na manhã de sol, sob a direcção da professora Lois Williams.

Feira de vaidade

PORTICO

AS praias enchem-se de belleza e de graça. E a estação, este anno, promette ser das mais encantadoras.

O movimento de banhistas no *Leme*, em *Copacabana*, em *Ipanema*, augmenta dia a dia. Ao rythmo festivo das ondas, que alteiam o collo fresco para, depois, rolarem, numa volupia de beijos, sobre a areia prateada das praias, o carioca, esquecido da canicula e das agruras da vida, entrega-se prazeirozo ao refrigerio do banho de mar ou tosta e bronzeia a epiderme aos raios quentes do sol esplendente.

Mas, as praias cariocas, tão faustosamente bellas na moldura natural que as enquadra, não são apenas um simples motivo de attracção... balnearia. São, tambem, um centro de mundanismo e de requintada elegancia, offerecendo ao chronista o mais rico e variado cabedal de coisas deste e do outro... mundo. De coisas, e de gestos, e de attitudes... Umas bizarras, schocking, desconcertantes. Outras, mais discretas, mais alinhadas, mais raffinées.

E as piadas, os potins, as blagues deliciosas, sabendo a marron glacé.

— Olha á direita...

— A' direita, o que?

— Espera... Discretamente... Disfarça um pouco, primeiro...

— Mas, para que, Alice?

— O teu ex-noivo estava a tirar a areia das pernas da L...

— Só das pernas?...

Linda bolsa, em antílope, tendo como fecho de segurança um tubo de «rouge» Lift. Creação de Jean Patou.

VITRINE

A ultima novidade da *bijouterie* moderna é a pulseira para sport. Trata-se de um complemento para as *toilettes* sportivas, que as elegantes veem procurando com vivo interesse. Constam de duas correias de couro branco ou de côr — separadas por 6 ou 8 *boules* de crystal, madeira ou metal, em côres assorties com a *toilette*.

•

COM a entrada do verão, as nossas praias animam-se, movimentam-se, expondo os mais variados e modernos modelos e padrões da indumentaria para banho. Os novos modelos *Madson* para banhos de mar e para banhos de sol — exclusividade da *A Exposição*, o grande magazin da Avenida, esquina de S. José — ostentam-se, garridamente, nas praias cariocas, onde se reune, ao ar livre, o nosso *grand monde*. E são realmente modernos e de grande effeito os modelos Madson para a estação balnearia.

•

JA' não se vê uma elegante trazendo luvas até o cotovello. Cahiram bastante as luvas compridas, imperando, hoje, as curtas, que permittem o uso de muitas pulseiras, cobrindo o punho totalmente. Para a noite, as mais em voga são em *suède*; para o *trottoir*, as *chás*; nas visitas, são usadas sempre assorties com os sapatos e as bolsas.

✾ ✾ ✾

Aracy Cardoso, a galante filhinha do casal Hermani Cardoso-d. Joanninha Cardoso, numa photographia em que o espelho copia a sua graça infantil.

A MULHER CHIC
CREAÇÃO DE PATOU

Robe de mousseline noire à pois blancs. Petite pèlerine même tissu. Toque organdi blanc piqué.
(Photo especial para FON - FON).

O Club Gymnastico Portuguez commemorou o 64.º anniversario de sua fundação, festejando-o com um grande baile, realizado sabbado ultimo, com o mais rutilante successo, como documentam as nossas photographias. A directoria da prestigiosa sociedade offereceu ás autoridades e jornalistas presentes uma fina ceia, durante a qual fizeram uso da palavra o illustre secretario do Gymnastico, sr. Virgilio Antunes, saudando os convidados de honra, e o dr. Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, agradecendo.

COCAINA

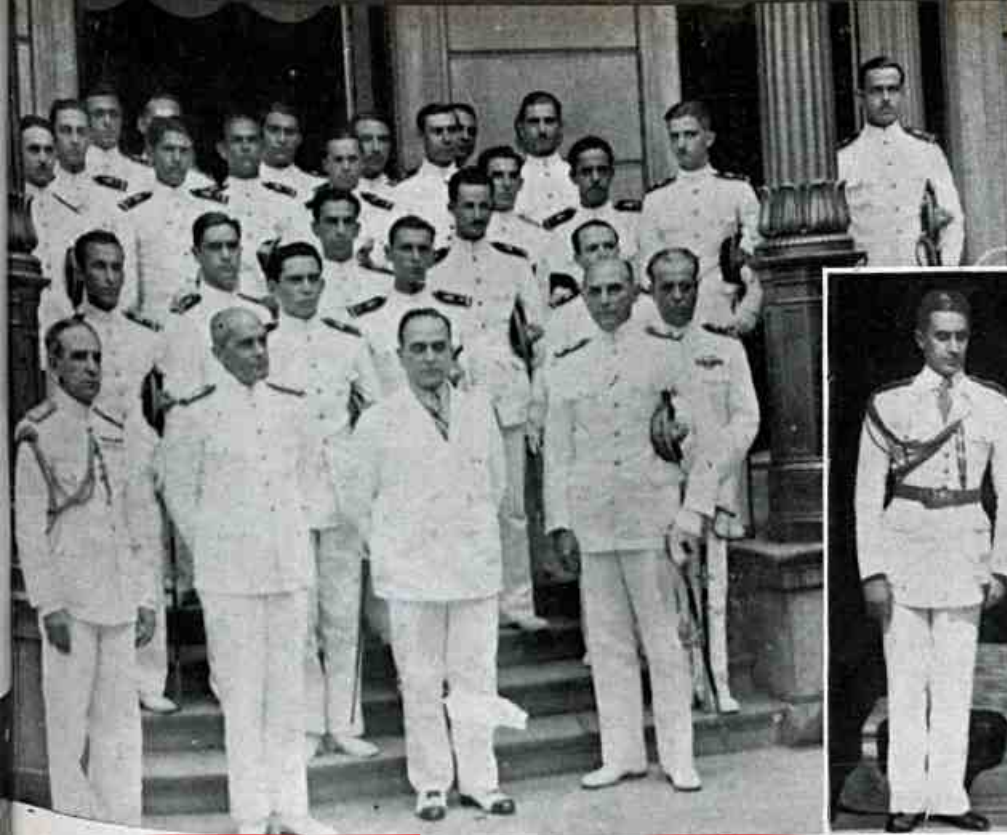
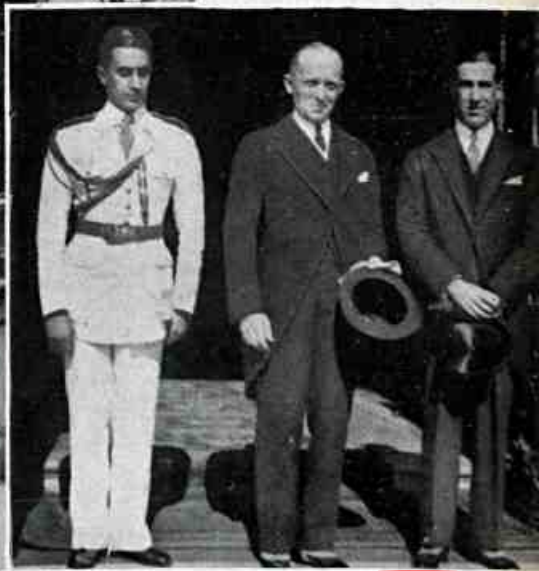
O Brasil é o futuro! Por isso é que lamento estar vivendo o presente...

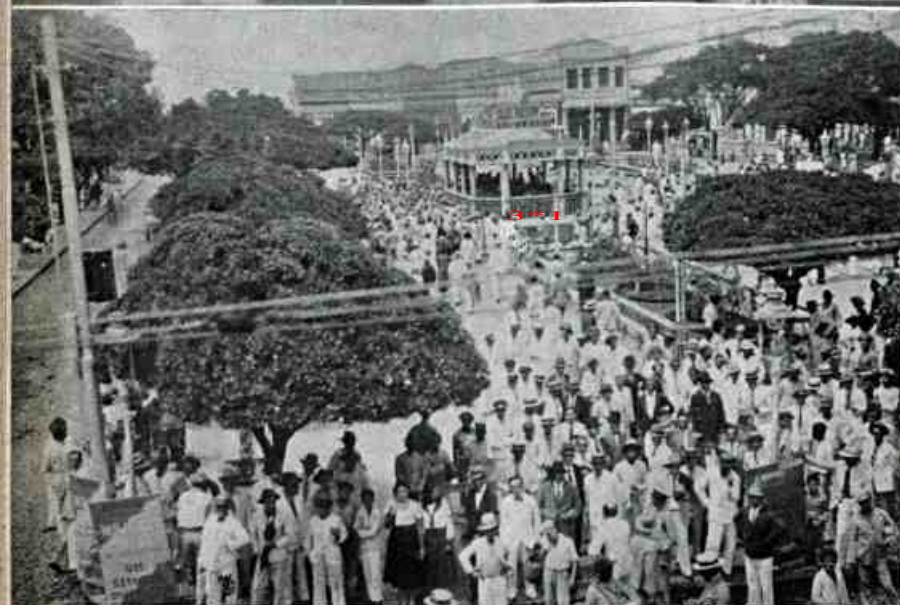
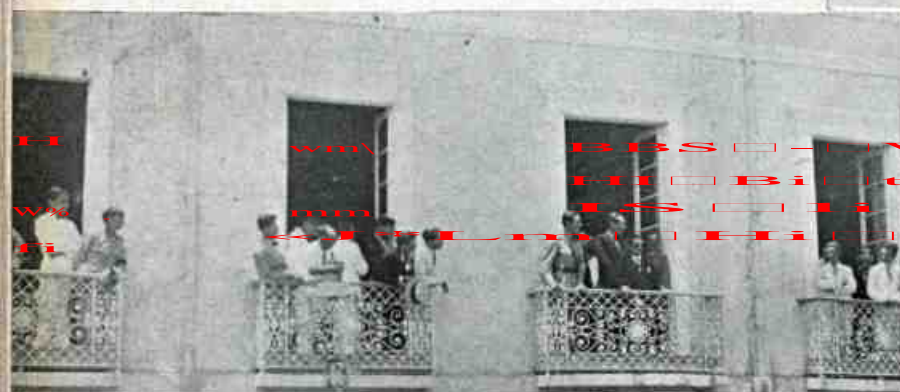
*

Ah! si na realidade o Brasil fosse um só! Mas, infelizmente, existem dois: o do s e o do z...

Mario Poppe

UMA FESTA INFANTIL

Carlos e Alfredo, os dois interessantissimos filhinhos do industrial João Carlos Rocas e de d. Esmeralda Rosas, festejaram, ha dias, o seu anniversario natalicio reunindo, na residencia de seus paes, em Copacabana, um grupo de amiguinhos, que tomaram chá, comeram doces e até conversaram como gente grande...

O chefe do governo provicorio, dr. Getulio Vargas, ladeado pelo ministro da Marinha e pelo director da Escola Naval, por occasião da visita de apresentação dos novos segundos-tenentes da Armada, recentemente promovidos a esse posto, e que tambem ahi apparecem.

Ao lado: o novo ministro da Dinamarca, sr. Frantz Christoffer Bianco Boeck, quando deixava o palacio do Cattete, acompanhado do introductor diplomatico dr. Rubens Ferreira de Mello, depois de apresentar as suas credenciaes ao dr. Getulio Vargas.

O 3.º Regimento de Infantaria homenageou, sexta-feira penultima, no quartel da praia Vermelha, a memória dos teus officiaes e soldados mortos durante a revolução paulista, inaugurando uma placa em bronze, com expressiva inscripção, na Galeria General Leite de Castro. São dois aspectos da cerimonia o que focaliza o nosso «clichê»: o interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, descerrando a cortina que velava a placa, e o nosso confrade Pacchoal Carlos Magno proferindo o seu discurso perante as autoridades presentes.

A linda capital cearense acordou, no dia 3 de outubro ultimo, sob a agradavel impressão da noticia de haver definitivamente cessado a luta entre S. Paulo e o governo federal. Jubilosa, a população correu para as praças e ruas, a festejar a Paz. As nossas gravuras reproduzem aspectos das festividades populares, vendo-se, numa dellas, o interventor federal, capitão Carneiro de Mendonça, discursando ao povo, da sacada do palacio do governo.

(Photographias do amador Humberto Ribeiro).

ÉCOS DA REVOLUÇÃO PAULISTA

Photographias de Guaratinguetá, ainda em pleno periodo da luta. Uma trincheira. Um sargento da força publica de Sergipe com algumas crianças paulistas. O commandante Theodoreto de Camargo acompanhado de seu famoso cabo Leão.

FON-FON no cinema

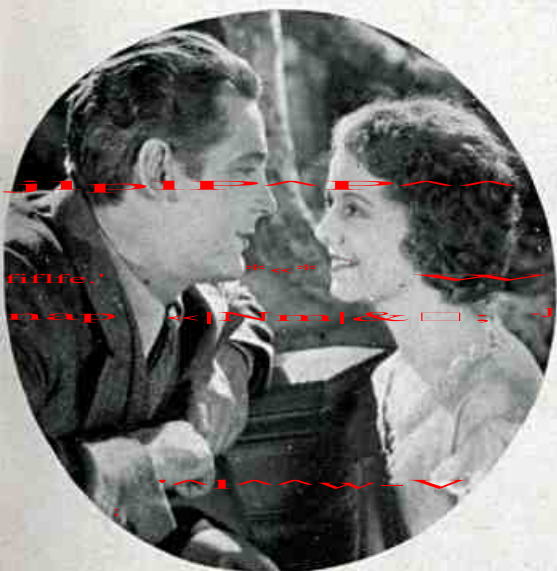
Tucker parecia distrahido.

CASAR E' ASSIM...

Producção da Fox

Com Janet Gaynor e Charles Farrell

GRACE LIVINGSTON, uma figurinha de boneca com uma cabeça cheia de illusões, queria fugir á monotonia da aldeia em que vivera sempre, pois alli nascêra e fôra creada. A unica porta por onde podia satisfazer ao seu desejo era a do matrimonio.

Tinha Grace muitos pretendentes, mas dois principalmente estavam mais perto do seu coração: Tommy Tucker e Dick Loring. Indecisa sobre a escolha a fazer, é seu tio, dr. Myron Anderson, que a vem tirar de apuros, aconselhando-lhe o casamento com Tucker, com quem ella se decide, final-

Grace tinha razão para preferir Tucker.

«Se partires, nunca mais te verei.»

Despedidas!

mente, a contrahir nupcias, deixando Loring de parte, apesar da vida romantica que elle lhe podia offerecer.

O marido de Grace, por ella convencido, resolve, para satisfazer-lhe, vender o seu negocio e mudar-se para outra cidade mais importante, onde sua competencia, como vendedor de fazendas, poderá tirar mais proveito. Uma vez na nova cidade, Tucker vê que o negocio não é tão facil como a principio lhe parecia. Vem a falta de dinheiro e os consequentes aborrecimentos. Apparece-lhe, porém, um bom negocio com Henry Kolker, um agente comprador de uma estrada de ferro. Para fechar a transacção, Tucker convida Kolker para cear em sua casa, juntando o convite da esposa do agente Minna Gombell. Durante a ceia, Dick Loring apresenta-se em casa de Tucker. Grace, louca de alegria pelo êxito que os negocios do marido vão tendo, recebe o velho amigo e antigo pretendente com excessiva effusão, o que não agrada a Tucker.

Quando chegou a occasião de se discutir definitivamente o negocio da estrada de ferro, Loring informa o agente de que o traçado da linha fôra modificado e que, por consequencia, o negocio de Tucker resultava um fracasso. Retirando-se os convidados, os dois, Grace e o marido, desilludidos, têm a primeira briga conjugal, da qual resulta que Grace se retira para casa de seus paes, com o coração traspassado das maiores dôres, e com as illusões desfeitas. Tucker, para se esquecer dos seus desastres commerciaes e domesticos, começa a beber em excesso, mas poucos dias passados o agente Kolker volta a procurál-o para lhe dizer que as informações de Loring eram falsas e que a empreza acceita a proposta mediante a somma de cem mil dollares.

De regresso á casa de seus paes, Grace soffre pelo abandono em que deixou o marido. O tio, que volta de uma conferencia de medicos, informa-a de que o marido se encontra no hospital. Pensam todos que Grace deve ir em busca do marido. Mas, emquanto discutem a maneira de realizar esse desejo, que é tambem o desejo de Grace, eis que surge nos jornaes a noticia do grande successo dos negocios de Tucker. Grace, agora, se recusa a ir procurar o marido, visto que, rico como está, não mais precisa della. A sua dor é enorme e o seu arrependimento sincero.

Mas eis que, quando ella estava chorando a sua mágoa, o marido lhe surge em casa, com o coração cheio de amor e disposto a partilhar com ella da felicidade que o destino lhe entregou.

Aquella vida simples era a sua ambição.

Mandamentos Esquecidos

Da PARAMOUNT

com Sari Maritza — Gene Raymond — Marguerite Churchill e Irving Pichel

PAULO OSSIP e sua esposa Marya, jovens provincianos que ha pouco contrahiram matrimonio, mudam-se para a capital, afim de entrar para a Universidade, onde, sob a direcção do famoso cirurgião professor Marinoff, estudará elle medicina e ella auxilio social.

Uma vez installados num dos appartamentos que a Universidade

Um mandamento esquecido.

A mulher, pômo de discordia.

destina aos estudantes casados, vae Ossip em visita ao professor Marinoff. No gabinete de trabalho do sábio, Paulo tem occasião de conhecer Anya, inquietante e perturbadora beldade, que serve de auxiliar ao grande operador.

Si bem que tenha amores com o scientista, não se furta Anya a contemplar com olhos complacentes Paulo Ossip, o qual não tarda a entabolar relações com ella, ás escondidas do ciumento cirurgião e da confiante Marya.

Durante uma conversação que sustentam o mestre e seu discipulo, affirma aquelle, sahindo do campo da sciencia medica para entrar no da

A chegada a um mundo novo.

philosophia, que a moral, segundo a entende a generalidade dos individuos, é, para elle, letra morta. Outros são os principios que regem e inspiram a sua conducta de homem moderno, emancipado de antiquados preconceitos e livre de irracionaes inhibições. Assim, por exemplo, fez elle da linda Anya ao mesmo tempo sua auxiliar e sua amante, e nada vê nisso de reprehensivel.

Varios dias depois, quando se achavam em Ossip sua esposa e Anya presidindo a uma distribuição de roupas e mantimentos ás crianças pobres, acontece apparecer alli um ancião missionario, que começa a pregar ás crianças desvalidas.

Por fim, interrompe Anya o missionario para intimál-o a não estorvar com a sua prédica a distribuição de auxilios em que ella e os seus companheiros estão occupados. Não lhe dando ouvidos o missionario, telephona a joven ao professor Marinoff, que accede, acompanhado por agentes de policia, que levam comsigo, preso, o ancião.

Mais tarde, inquietando-se por ver que seu marido não apparece para jantar, Marya pergunta por elle e vem a saber que está em colloquio amoroso com Anya. Quando o professor Marinoff apparece procurando Ossip, Marya, fóra de si, lhe revela tudo quanto se está passando entre Anya e seu esposo.

Primavera revolta.

Dissimulando sua raiva e seu ciume, o cirurgião despede-se, passa ao seu gabinete de trabalho, apanha um revolver e, dirigindo-se ao aposento de sua amante, descar

(Conc. na pag. seguinte)

LITERATURA ORIENTAL

Na literatura india primitiva, alem dos poemas philosophicos e epicos, abundam as poesias esoticas plenas de ideias religiosas, embora lascivas, bem como lyrismos e fabulas.

A mais antiga collecção de fabulas é o "Itopadessa", em que o sabio Visnu Sarman envolve em apologos a moral que é obrigado a ensinar aos perversos filhos do rajah Surdassana.

O compilador destas fabulas foi Glipe que, 400 annos antes de Jesus Christo as reuniu, valendo-se dos contos primitivos.

Em geral, nas composições lyricas tratam-se de assumptos extrahidos do "Mahabarata" e a originalidade se exterioriza nas allusões e similes que as plantas e os animaes indios proporcionam ao escriptor.

As obras da literatura indica, vasta e gigantesca, demonstração da intelligencia oriental, parecem recompilações de obras mais antigas, nas quaes o novo está de mistura com o velho, de modo que a critica não pode positivar precisamente as epocas que pertencem.

Se os gregos não falaram destes antigos monumentos lietrarios, é que apenas conheceram da India o Pendjab, região que nas memorias, é tido como a mais rustica e tosca.

São realmente antiguissimos os poemas hindús, mas sua chronologia difficilmente poderá ser determinada a época em que foram escriptos porque variam de accordo com as seitas.

PRELUDIO

— Amar-me-ás, realmente?

— Ensinar-te-ei a amar.

— E serás fiel?

— Como uma mulher que conhece o preço da fidelidade.

— Serás carinhosa?

— Viverás num ambiente de ternura.

— Complacente?

— Como uma escrava.

— Chorarás de ciume quando seja necessario?

— Sei chorar com perfeição.

— E..., sorrir?

— Sorrio como ninguem ainda sorriu. Possuo um sorriso cheio de promessas, da mais picaresca — á mais enigmatica, á mais dolorosa, á mais ironica. E, tambem, a enganadora, a maliciosa, a vencedora. E' completa minha collecção de sorrisos.

— E, amar-me-ás sempre?

— Pertence-te o meu amor.

— Apaixonadamente?

— Ah!... sobre isto teremos que falar...

A paixão não vae incluida no amor: paga-se á parte. — RENY DE GOURMONT.

MANDAMENTOS ESQUECIDOS

(Conclusão)

rega a sua arma sobre o seu discipulo e sobre Anya. Em seguida, sáe, antes que alguem se inteire da tragedia que acaba de occorrer.

Algum tempo depois, o professor se encontra frente a frente com Marya, que lhe supplica salve Ossip, a quem o mesmo desconhecido que assassinou a Anya infligiu ferimentos de natureza gravissima.

Contrariado embora, Marinoff acceita praticar a operação, desse modo reparando em parte o seu crime, uma vez que Paul Ossip escapa á morte e se reconcilia com Marya.

Paulo Gustavo — DIVINA AMARGURA — Editora Pongetti — Rio — 1932 — 4$

PAULO GUSTAVO é um poeta que está em moda. Os seus poemas correm de mão em mão, disputados pelos espiritos romanticos. *Divina amargura* é o seu primeiro livro, inteiramente esgotado logo após o apparecimento, facto raro, digno de registro.

Essa preferencia do publico, dispensada ao formoso poema de Paulo Gustavo, é a melhor recommendação que póde ser feita ao livro agora em segunda edição.

Paginas deliciosas, repassadas de lyrismo espontaneo, simples, encantador.

Divina amargura vae proseguir no seu brilhante successo, a caminho certamente de uma terceira edição.

G. Zaidan — A NOIVA DO REVOLTOSO — Dist. Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 6$

TRATA-SE de um livro de palpitante interesse, pois encerra em suas paginas a historia da lucta heroica de um povo pela conquista de seus direitos.

A epopéa dos Jovens-Turcos vislumbra-se na trama deste romance.

A quéda ruidosa de um imperio absoluto, o clarão rubro da revolta, uma nova republica! A realidade, que parecia o sonho impossivel de uma ala moça! Um grito de fé e heroismo, o drama de um povo pela sua liberdade, eis a essencia da obra.

Monteiro Lobato — VIAGEM AO CÉU — Comp. Editora Nacional — S. Paulo 1932 — 5$

MONTEIRO LOBATO escreveu mais um livro para a petizada que gosta de historias bonitas e instructivas. A literatura infantil é um genero difficil e até agora explorado com pouca intelligencia, no nosso paiz.

Coube ao escriptor paulista explorar o genero com felicidade e brilho, escrevendo uma série de livros interessantes. Este novo trabalho é perfeito e vae agradar plenamente á creançada. A parte graphica é admiravel, rivalizando com as melhores publicações estrangeiras.

Raul de Azevedo — AMORES DE GENTE NOVA — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 5$

A segunda edição deste livro justifica-se, deante do acolhimento da critica, por occasião do apparecimento. Trata-se de uma obra até mesmo julgada pelo publico, não carecendo do nosso juizo, por extemporaneo. Raul de Azevedo tem percorrido todas as modalidades da prosa, e, escrevendo *Amores de gente nova*, revelou excellentes qualidades de romancista.

E' um fino psychologo, arguto, espirito brilhante.

Actualmente, exerce com proficiencia a critica literaria, num dos nossos vespertinos mais sympathicos. Da sua penna agil, muito devemos esperar ainda.

Florence Barclay — A AUREOLA PARTIDA — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 6$

MAIS um volume da *Collecção verde*, escolhido entre as melhores obras destinadas ao elemento feminino. A traducção do original inglez *The broken halo* foi confiada a Jorge Jobim, nome festejado, que dispensa o nosso elogio.

Sax Rohmer — A GARRA AMARELA — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 5$

TRADUZIDO do original norte americano *The yellow claw*, este romance bastante curioso destina-se a um grande successo de livraria.

Leão Tolstoi — OS COSSACOS — Editora S. I. P. — S. Paulo — 1932 — 2$

UMA das excellentes obras do grande escriptor russo apparece entre os volumes da *Collecção Economica*, iniciada sob os melhores auspicios e que facilmente conquistou a sympathia do publico.

Mario Poppe

O Rosario

De Luis de Gongora

(Especial para "FON-FON")

—NÃO sejas impaciente, meu filho! Procura descançar um pouco... Si guardas silencio, talvez consigas dormir... Experimenta, filho!

E, emquanto a pobre mãe confortava o filho amado, numa voz sumida que parecia abafada pelas lagrimas, o rapaz contorcia-se no leito, deixando escapar, de quando em vez, palavras ásperas e de revolta.

Emfim, a senhora encostou as venezianas e, quando o quarto ficou numa penumbra suave e agradavel, sentou-se outra vez junto ao doente, começando a passar-lhe a mão tremula pela farta cabelleira ondulada, onde já appareciam os primeiros fios brancos, embora apénas tivesse 25 annos.

Ao contacto daquella caricia materna, o enervamento do rapaz foi-se acalmando e, finalmente, dahi a poucos minutos a respiração compassada e serena lhe fez comprehender que o filho adormecêra.

Dona Gertrudes cruzou lentamente as mãos e, com os olhos rasos d'agua, principiou a desfiar o rosario...

E, á medida que as contas desfilavam e as "Ave Maria" succediam aos "Padres-Nosso", perpassavam ante ella todas as amarguras, humilhações e desdens que soffrêra, sem que por isso pudesse evitar o fracasso de amor que fôra a existencia do filho.

Aos poucos, as lembranças se foram tornando mais reaes e pungentes e, emfim, o rosario rolou sobre o tapete onde pousava a cadeira da senhora, sem que ella, abstrahida como estava pelo passado, notasse o incidente.

Agora lhe parecia estar vivendo os momentos crueis em que, após a sua viuvez e para poder educar o filho, o seu pequeno Jayme, teve que luctar contra todos e contra tudo, até que, emfim, sendo moça, bonita, pobre e só, um dia qualquer e num momento de grande afflicção, acceitou os galanteios do primeiro homem que a cortejou... Depois vieram outros e mais outros... E quando, passados esses minutos de horror em que, apesar da degradação moral em que cahira, elevava o seu espirito a Deus, lhe parecia vêr e ouvir a figura dôce e meiga de Jesus que sorria e perdoava...

Os annos passaram. Gertrudes era conhecida pelo appellido de "Trudes" e o seu nome evocava como um synonimo de escandalo e avareza.

Durante a semana era a mulher mais mundana e chic que frequentava as avenidas e casas de chás, mas sabbado á noite desapparecia mysteriosamente, só voltando segunda-feira de manhã e com aspecto tão tristonho e melancolico, que contrastava com a animação que affectava á medida que se approximava o fim da semana.

Mais tarde, o filho que se educava numa cidade vizinha e com quem ella passava os dias que se ausentava da metropole, mostrou

(Continúa na pag. seguinte)

desejos de entrar para a Escola Naval e seguir a carreira da Marinha de Guerra, para a qual parecia ter grandes aptidões.

E "Trudes" indagou tudo quanto era preciso para essa admissão e, ao saber que uma das clausulas principaes é a descendencia do alumno, após grandes luctas e indecisões, notando que Jayme não se conformaria em ser sacrificado, um dia, já sem forças para encarar o filho, escreveu-lhe como si fosse uma pessôa amiga, dando-lhe a noticia da morte subita de Gertrudes e fazendo-lhe saber que a morta deixára um certo dinheiro para pagar as mensalidades e matriculas do futuro official de marinha.

Agora, a sua vida era mais dolorosa e allucinada.

Os cabellos escuros, compridos e ondulados, que eram a admiração e inveja de suas companheiras de vida, foram cortados e oxigenados dum loiro berrante e ordinario, que lhe mudava a physionomia,

O ROSARIO

(Continuação)

graciosa e serena, numa mascara agressiva, escandalosa e descarada.

As faces, que antes conservava ligeiramente roseas, passaram a encher-se de "rouges", signaes e cremes, numa tal profusão e abundancia, que, mesmo as pessôas mais intimas apenas reconheciam a antiga "Trudes" naquelle mostruario de tintas, enfeites e trejeitos.

Um bello, dia, teve a phantasia de trocar tambem o nome e passou a chamar-se "Loló" e a ser franceza.

E, emquanto a grande comedia mundana se desenrolava, cada vez mais animada e verosimil, o Jayme recebia pontualmente a mesada que a pobre morta lhe deixára, a qual de longe, talvez do céo, parecia protegêl-o e velar sobre elle.

Os annos iam passando. O rapaz formou-se e, num dia do mez de maio, recebeu a sua nomeação de tenente, assistindo, em seguida, á benção das espadas juntamente com os collegas de turma.

Já no fim da cerimonia e no momento que os festejados deixavam a igreja, houve um certo rebuliço devido a uma mulher, escandalosamente loura, que perdêra os sentidos. Como Jayme passasse perto della nessa hora, soccorreu-a e ajudou a transportál-a até a sacristia.

Na desordem em que ficaram os vestidos dessa creatura, um pequeno medalhão de ouro que ella usava, pendurado ao pescoço, abriu-se e o novo tenente viu, com surpresa, que um seu retrato de quando elle era menino estava encerrado naquella caixinha de ouro.

Quando a mulher melhorou, o rapaz quiz acompanhál-a e interpellou-a sobre a descoberta do retrato, e ella, toda confusa, trémula e emocionada, tratou de explicar que aquella joia pertencêra a uma pessôa conhecida que já morrêra...

Jayme, incredulo, pedia detalhes até que, finalmente, ella conseguiu fugir e assim se passou longo tempo sem que elle tornasse a encontrál-a em seu caminho, olvidando, portanto, o incidente.

Como o rapaz já era noivo, casou-se tempos depois com uma moça de bôa familia, que era extremamente mundana e moderna.

O casal que nos primeiros tempos parecia amar-se, ou pelo menos supportar-se, foi afastando-se aos poucos e, emfim, cada qual começou a viver a sua vida individual e livre. Ella, frequentando bailes, chás, theatros e jogos. Elle, em continuas viagens através de paizes longinquos, aonde os barcos que commandava o levavam em serviço de instrucção e estudos.

E fôra numa dessas interminaveis viagens que elle adquirira aquella horrivel molestia que ia apodrecendo-lhe a carne aos poucos e enchendo-lhe o corpo, já deformado, dumas escamas amarellentas, que mais tarde se tornavam chagas.

Quando Jayme se viu perdido e sentiu a repugnancia que inspirava á sua propria esposa, tratou de internar-se num hospital; mas a molestia era de tal fórma contagiosa, que lhe fizeram notar a conveniencia de isolar-se. Então, quando, já desesperado e abandonado de todos, se julgava só no mundo, reappareceu aquella mesma mulher que um dia elle soccorrêra, offerecendo-se como enfermeira.

Tambem essa creatura estava mudada e envelhecida. Seus ca-

bellos não eram mais loiros nem curtos; tinham-se tornado brancos e longos. As faces, que outrora pareciam jorrar sangue, com todas as côres do iris, eram agora pallidas e demarcadas.

Os olhos tinham um olhar tão meigo e tão triste, que pareciam feitos para consolar os infelizes; emfim, sua voz era tão suave, musical e carinhosa, que, escutando-a uma paz immensa invadia aquella pobre alma atribulada.

Essas duas creaturas foram morar numa pequena casa de suburbio e, um dia, em que Jayme se queixava amargamente da sorte e do soffrimento que lhe reservára a vida, aquella mulher lhe contou a historia de "Trude", a quem chamaram mais tarde "Lolo". As miserias e o soffrimento alheios não consolam nem remediam o nosso; mas a fórma simples e pungente com que ella lhe falou conseguiu fazer com que o rapaz esquecesse as proprias dores para lastimar a pobre mulher que, por amor ao filho, sacrificára tudo, até a propria vida.

Emfim, nessa situação insustentavel e quando menos o esperava, ella trahiu a sua verdadeira identidade e, então, o filho, beijando aquelles cabellos de neve, dizia-lhe:

— Que importa a opinião do mundo? Si Deus perdôou aos grandes peccadores, por que não perdoarei eu? Minha Mãe, si tu peccaste, foi por muito me amares; como posso ser eu quem te condemne?

E como a pobre senhora chorasse cada vez mais convulsamente, elle proseguia:

— Mamãe! Não chores mais! Não é neste dia e nesta hora que devemos lamentar-nos e, sim, dar graças a Deus; tu, por ter Elle permittido que chegasse o momento de recuperar o teu filho e eu, por ter me conservado e protegido uma mãe tão digna de respeito e de amor...

E ante um gesto humilde da senhora:

— Sim minha Mãe: de respeito, digna de respeito. Que importa que o nosso corpo seja impuro, si a nossa alma não está contaminada? Quantas pessôas de corpos virgens e almas depravadas não enchem o mundo! Crês, minha mãe, que, quando chegar a hora do julgamento final, o Supremo Juiz não saberá fazer a eleição? Santa! Minha santa! o teu sacrificio e abnegação foram tão grandes, que o peccado que porventura pudesse existir ficou abafado. Eu tenho sido a cruz da tua vida; justo é que sejas agora a gloria e o orgulho de minha existencia.

E, a partir desse dia, elles vi-

O ROSARIO

(Conclusão)

veram tão unidos e felizes, que chegaram a esquecer a triste molestia que ameaçava aquella vida moça.

Agora, a esperança voltava a renascer naquellas duas creaturas, e era numa horrivel ansiedade que aguardavam a reacção do sôro que fôra injectado no rapaz e que, si surtisse effeito, deveria curál-o em poucos dias. E Dona Gertrudes, recomeçando a dedilhar de novo as contas do velho rosario que, finalmente, apanhára do tapete onde tinha cahido, pensava na pequena casa da fazendola onde se refugiára após a scena da igreja e aonde tornaria quando o seu filho, forte e curado, fosse novamente arrastado pela corrente da vida e voltasse para aquella outra mulher que, embora não soubesse ou não quizesse consolál-o e amparál-o no momento da dôr, era a encarnação do presente, do amôr e da vida, emquanto ella era o passado, o sacrificio... a morte.

E as lagrimas, deslisando cada vez mais abundantes, pareciam formar um outro rosario mais longo e doloroso do que aquelle outro cujas contas passavam uma a uma por entre suas mãos cansadas de soffrer e acariciar...

(Do livro "Era uma vez...")

Notas de Arte

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS. — *A Pastoral*, 6.ª symphonia de Beethoven; a *Insomnia*, poema symphonico de Fr. Braga, e o *Concerto* de Saint-Saens, o 2.º em sol menor, para piano e orchestra — foram os números do programma com que realizou no T. M., em a noite de 26 de outubro, o seu 190º concerto, a S. C. S., sob a regencia do maestro Fr. Braga e com o concurso de uma das glorias da pianistica brasileira, sra. Dyla Josetti.

A 6.ª *Symphonia* de Beethoven é um poema bucolico em tres cantos. Idealiza o campo e o rio, os camponezes e os pastores, a tempestade, as festas campestres. Mas cantando não descreve, apenas interpreta a natureza. Só numa ou noutra passagem percebem-se phrases puramente descriptivas como na 2.ª parte, quando o poeta do som reproduz as vozes do rouxinol, da codorniz e do cuco. Segundo a propria opinião do mestre de Bonn, a *Pastoral* é "mais sentimento que pintura". Ouvindo-a somos arrebatados pelas mais deliciosas e vivas emoções da vida rural: o farfalhar das arvores, o murmurio do regato, o canto das aves, a alegria da festa campesina, o fragor da tempestade e por ultimo as encantadoras melodias do final, que é toda quietude e serenidade.

A *Insomnia*, que pela 1.ª vez ouvimos, deu-nos uma grande impressão de verdade. Sentimo-nos torturados pela angustia que o poema descreve. De sorte que, não nos encantando, não nos deliciando, por isso mesmo, num apparente paradoxo, nos agrada, pois conseguiu traduzir o pensamento que inspira o poema todo o mal estar, a indizivel afflicção de quem quer e não pode dormir.

A orchestra de Fr. Braga, sob a batuta do mestre, interpretou com fidelidade e sentimento communicativo tanto a *Pastoral* como *Insomnia*.

Mas o grande acontecimento da noite foi o *Concerto* de Saint-Saens; não como composição, mas como interpretação; não porque a orchestra o tocasse melhor que as obras de Beethoven e Fr. Braga, mas pelo invulgar primor com que a solista executou o 2.º e o 3.º tempos. Se no *Andante* sentiu e exprimiu para si mesmo, no *Allegro* e no *Presto* traduziu o sentimento e a expressão com tamanha eloquencia, com tal força communicativa, que o auditorio se sentiu arrebatado pelo turbilhão sonoro. A sra. Dyla Josetti produziu excepcional enthusiasmo. Ovacionaram-na com palmas, bravos e flores, e fomos dos primeiros a fazêl-o. Para satisfazer aos insaciados admiradores teve a artista de tocar uma nova peça, o *Minuetto*, de Seebroek. Se já não fosse um nome consagrado da pianistica brasileira, dentro e fóra do Brasil, têl-o-ia sido nessa noite encantada, após a excepcional execução do *Concerto* de Saint-Saens.

O successo da nossa grande pianista mostrou que nem sempre se verifica a sentença de Berlioz sobre a 6.ª Symphonia de Beethoven. "Onde quer que se apresente esta symphonia — escreveu o grande musico francez — se for executada no começo de um concerto, todo o resto do programma ficará irremediavelmente sacrificado." (1) Entretanto, ouviu-se a *Pastoral* no principio do 190º concerto da *Symphonica*, e isso não impediu que fosse extraordinario, ainda maior que o obtido pela *Pastoral*, o successo do *Concerto* de Saint-Saens, com Dyla Josetti no solo do piano. E foi o talento e a arte da pianista brasileira, o que desmentiu a sentença de Berlioz...

Roberto Vilmar, artista brasileiro, applaudido em 23 theatros da Italia, victorioso dentro e fóra de seu paiz, realizou, a 7 do corrente, a sua festa artistica, no theatro João Caetano, onde cantou, com successo, na peça «Marqueza de Santos», alli representada sob os melhores auspicios.

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA. — Magnifico o recital de declamação realizado pela srta. Margarida Lopes de Almeida no T. M. na tarde de 27 de outubro, com este variado e bello programma, alem de alguns extra: I) Affonso Lopes de Almeida — *De Volta á Terra* e *O Relogio e o Tempo*; Guilherme de Almeida — *As Tres Corôas*; João de Barros — *Velho Navio*; Ribeiro Couto — *O Desejo da Mão*; Alberto de Oliveira — *A Caranguejeira*; Vicente de Carvalho — *A Invenção do Dado* e *Velho Tema*; II) Ruben Dario — *Los Motivos del Lobo*; Jean Rameau — *Les Fruits Mus de la Paix*; Charles Cros — *Le Hareng Saur*; Alberto de Monsaraz — *Le Dancing*; — III) Filinto de Almeida — *O Pão*; Arthur Salles — *A Musica dos Búzios*; Maria Eugenia Celso — *Pecados*; Bastos Tigre

---

(1) Cit. extrah. do liv. de D. Amelia Rezende Martins: *As nove symphonias de Beethoven*, pag. 110.

Pontos nos ii; Fernando de Castro — Vida; Manuel Bandeira — A [illegible]; Alphonsus de Guimarães — Familia; Olavo Bilac — As Amazonas.

Confessamos que excedeu o esperado á nossa expectativa. Sabiamos do nome, do talento e da cultura artistica da recitalista, mas temiamos que em vez da brasileira fossemos ouvir a lingua portugueza; pensavamos escutar a nossa patricia com a prosódia accentuadamente lusitana. Pensavamos ainda haver exagero nas opiniões emittidas na imprensa européa, inclusive nos jornaes parisienses. Mas toda essa prevenção dissipou-se totalmente e transformou-se no mais vivo e ardente enthusiasmo depois de ver e ouvir a recitante dizer com arte consummada todos os poemas, tauxiando-os de raros fulgores e dando a alguns belezas taes que muita vez nos suggeriu a declamação sem par da genial Berta Singermann.

A srta. Margarida Lopes de Almeida impressiona immediatamente pela figura e pela vida plastica. Synchroniza a musica dos gestos com as inflexões da voz; chega mesmo a minucias extremas, dedilhando no ar as cadencias do verbo, de modo a se verem as palavras ouvidas, e a se ouvirem os gestos que se vêem.

Sem querer repetir simples lugar commum, não ha meio de lhe fugir, affirmando que a não ser *Los Motivos del Lobo*, e *La dansa del Viento* "Velho Poema" — que não nos sensibilizaram no mesmo grão das outras interpretações, é difficil apontar as que, dentro de cada genero, merecem ser destacadas. Mas ainda assignalamos distinctas entre distinctas, a maravilha de expressão verbal e plastica que foi a interpretação de *Les Frints murs de Paix*.

A srta. Margarida Lopes de Almeida viveu o poema de Jean Rameau com invulgar esplendor; foi ao mesmo tempo actriz da dicção e dictriz da acção; a sua emoção não foi simulada á propria, mas transmittiu-se intensa á sensibilidade dos ouvintes. Houve não só palmas mas tambem bravos, emittidos espontaneamente pelos ouvintes emocionados, hypnotizados pela força magnética das palavras e dos gestos.

Logo depois, em genero inteiramente diverso, applaudimos outro primor: a poesia burlesca, *Le Hareng Saur*. O contraste entre o épico da poesia de Rameau e o comico da de Cros desappareceu na mesma magistralidade da interpretação.

A interpretação da *Musica dos Bilros* — que se poderia chamar a *Musica das Mãos*, porque eram as mãos da artista que cantavam fazendo imaginaria renda, dedilhando imaginarios bilros — foi das mais expressivas e commoventes.

E a *Invenção do Diabo*, e *Peccados* e *Pontos nos ii*, e *O Relogio e o Tempo*, e *Velho Navio*... Tudo, tudo bellezas...

E' de notar-se que a srta. Margarida Lopes de Almeida declama com perfeição tanto em portuguez, como em francez e hespanhol. Em todas as recitações não se limita a dizer, mas representa; vive verbal e plasticamente o sentido dos poemas. E' uma notável interprete da poesia em tres linguas; uma das maiores declamadoras da actualidade.

MARIA DAS MERCÊS. — Quando na tarde de sabbado, 29 de outubro, penetramos o T. M. para ouvir a sra. Maria das Mercês Mourão Calazans interpretar ao piano — *Variações sobre um minuetto de Despont*, de Mozart; *Prelúdio e Fuga em ré maior*, de Bach-Busoni; *Valsa em lá bemol maior*, *Nocturno 18* e *6 Estudos*, de Chopin; *Berceuse*, de Rimsky-Korsakow; *Le vol du bourdon*, de R.-Korsakow (arranjo de Strimer); *Gavotte e Menuet*, de Emile Frey; *Evocation* de Albeniz e *Estudo heroico*, de Leschetizky — estavamos longe de pensar do bello êxito pianistico a que iamos assistir. Não nos lembravamos de a ter ouvido antes, mas suppunhamos, dadas as referencias de tratar-se apenas de uma virtuose de talento que ainda não attingira ás alturas a que já attingiu. Entretanto, as interpretações, que nos pareceram de excepcional realce, da *Fuga*, do *Nocturno*, da *Evocation*, de alguns *Estudos*, da *Gavotte* do *Estudo heroico*, são a prova de que a sra. Maria das Mercês já é uma pianista de escol, em franca ascensão para os mais altos cimos da arte. A sua technica revelou-se invulgar na *Fuga* e a sua sensibilidade muito communicativa no *Nocturno* e na *Evocation*. Provocou a distincta pianista muito justos e enthusiasticos applausos.

Ouvindo licções da grande professora, sra. Lúcia Branco Soares — que podia ser tambem grande virtuose se o professorado não a tivesse absorvido — a sra. Maria das Mercês é a documentação viva do proprio e do saber da mestria.

CONCERTO-GIANNETTI. — O maestro Giovanni Giannetti, notável regente e professor, realizou o seu costumado concerto annual no T. M. em a noite de 31 de outubro, fazendo ouvir pela orchestra sob a sua direcção as seguinets composições: I) GIANNETTI — *Larghetto*, *Scherzo*, *Intermezzo* (para arcos); PICK-MANGIAGALLI — *Nocturno* e *Rondi Fantasia*; II) LYCIA DE BIASE — *Chanaan*, poema symphonico; ROSSINI — *Sinfonia*, da op. "Guglielmo Tell".

Pequena mas bem disciplinada, a orchestra realçou todos os números. O mº. Giannetti não é um regente commum. Sente-se-lhe a mestria da batuta, na precisão minuciosa com que dirige as execuções. Parece que nada escapa á argúcia da sua regencia; que nenhuma nota da pauta deixa de ser figurada pela varinha do regente. Se se pudessem registrar ao mesmo tempo os movimentos da batuta e os sons da orchestra, as curvas correspondentes seriam representadas pelas mesmas equações.

Notável o regente, não menos digno de applausos o compositor através da bella *Suite* (?) para arcos; muito lyrica, muito commovente.

Não só a *Suite*, como o *Nocturno*, o *Rondó* e a *Sinfonia* — tudo agradou e foi ovacionado.

Houve, porém, um numero que sobrepujou a todos os outros pela ansia com que era esperado, pela satisfação com que foi ouvido, pelo talento e pelo saber com que o compoz uma das mais jovens e radiosas figuras da geração actual de musicistas brasileiros — a srta. Lycia de Biase.

Quando lhe ouvimos as primicias em 21 de agosto do anno passado, escrevemos encantados: "Com o tempo e com o estudo, a senhorita Lycia de Biase há de figurar entre os nossos melhores compositores. Os seus *Prelúdios* são o preludio desse auspicioso porvir."

Chanaan é já demonstração do asserto. A joven compositora patrícia ergueu mais alto o vôo; passou da lyra á epopéa; alcandorou a sua inspiração; enriqueceu a sua technica. Embora nos faltem conhecimentos especiaes para analysar a partitura, sentimo-lhe, pela simples audição, toda a belleza especialmente a da 2.ª parte, e notamos a variedade e o apropriado das combinações de cordas e sopros, donde decorre impressionante e suggestivo colorido.

Para resumir a forte impressão que produziu *Chanaan*, basta lembrar que superou a da *Symphonia* de Rossini, ouvida logo após. E' possivel pensem os technicos de modo diverso sobre o valor das duas composições, mas a verdade é que impressionou mais o poema de Lycia de Biase do que a Symphonia de Rossini.

E' de louvar-se a apparição da compositora do *futuro*, mas não compositora *futurista*, o que é simplesmente retrogadar, pois o futurismo não passa de ultrapassadismo...

Felizmente, quem escreveu o *Preludio n. 2* e *Chanaan* está seguindo a verdadeira trilha da verdadeira arte. Sabe ser original, sem ser exquisita; moderna, sem ser modernista...

OSCAR D'ALVA

RENUNCIA

— SOBE, meu amigo. A escada é um pouco longa, mas o ambiente lá em cima compensará o esforço.

E o pae de Odette e Clarinha, um pandego e imprudente senhor que amava relembrar nos colloquios das filhas os seus tempos de fertilidade, ia empurrando o guapo Mario Silva.

Na sala de jantar receberam-no com intimidade e surpresa. Clarinha continuou bordando a machina. E Odette, mais velha, 20 annos, alta e estylisada, olhos azues e profundamente abstractos, arrastou o rapaz para o salão de visitas.

—Fiquem á vontade. Ninguem os irá importunar, afianço-lhes — disse, camarada, o senhor pae de Odette e Clarinha.

Odette fez Mario sentar-se no divan laranja e passou logo para o seu lado. Cruzou as pernas mal veladas pelo costume de "sport" e bem reveladas na transparencia das méias côr de carne...

Foi ella quem falou:

—Então Mario, quanto tempo não nos vemos?

—Desde o nosso rompimento.

—Nosso rompimento?!... Não! Dize antes a tua retirada.

— Sim, porque foste a grande culpada.

—E o teu desejo, um insatisfeito. A tua volupia, uma cega aos preconceitos.

—Eras medrosa como uma freira.

—Naquelle tempo, Mario... Hoje estou mudada. Seria até capaz de entregar-me todinha ao meu "principe azul".

—Seria... — murmurou Mario, indifferente.

—Sou!... — tornou Odette, fascinante.

—Mentes!...

—Si duvidas... o momento cabe...

Os modos della autorizavam a elle muita ousadia:

—Não! Não é disto que se trata. Mentes, porque já muitas vezes te entregaste. Quero crer.

— E' engano... O meu "principe" ainda não tinha chegado.

—E agora?

—Tenho ou menos a illusão de que elle faz sua entrada na minha alma sensitiva.

—Illusão!... E' fumaça. Não diz nada.

—Illusão... Mario, é flamma. Deve-se approveitar o fogo antes de extincto.

—Porque ainda não conheces o mundo, Odette. A illusão é a flamma de um segundo. De-

A "ESTRELLA" — O medico. — Sua temperatura é commum, senhora.

A "estrella" de cinema. — Impossivel, doutor! Eu não sou uma pessôa commum.

De Getulio Teixeira

pois... fumaça. Fumaças que se condensam em cinzas eternas... perenne desillusão... remorso infinito de ter tentado.

—Porque não aproveitamos, então Mario, os segundos desta labareda que devora?... Que clama em meu corpo a flamma do teu corpo, afim de que, fundidas, se intensifiquem e durem mais?!

O quasi indifferentismo de Mario Silva transformou-se em fremito.

— Não pode ser Odette.

—Temes ainda a desillusão?

—Não. Tu és demais fascinante... arrebatadora, para me dares tempo de medir uma consequencia tão mesquinha deante da exaltação suprema de um momento.

—Gozemol-o, então. Tudo conspira. Este silencio... A liberdade que nos envolve... A volupia deste amor que se aviva em nós.

—Não póde ser...

—Mario! Zombas da minha fraqueza. Eu sei. Os homens querem obstaculo.

—Obstaculo mais horrivel não nos poderia separar. A consequencia moral de um crime. Responsabilidades... um sacrilegio, quando confiam em nós.

O freguez. — A proposito: ainda não lhe perguntei o preço deste terno.
O alfaiate. — Quinhentos mil réis.
O freguez. — Ah! Nesse caso, não precisa fazer bolsos, porque não tenho nada para botar nelles...

—Não importa! Não sou eu quem clama, mas o meu ser delirante.

—Não, Odette! E' impossivel... E' muito tarde.

—Tarde?!...

—Sim! Porque a nossa maldade é uma grande ameaça. Ha quatro annos, quando a nossa ingenuidade se satisfaria no extase santo de um beijo, quando as nossas almas eram ainda uma custodia contra o peccado... tu fugiste, Odette... Hoje que a maldade dos vinte annos e este fogo que nos inflamma poderão nos levar ao extremo da loucura... tu me offereces... E' assim mesmo a Vida, Odette. E' preciso conformar-se ter juizo, e zombar da sua ironia. E' preciso nos separarmos com um sorriso nos labios e uma esperança no coração.

—Não partes!

—O perigo me ordena partir.

—Oh! Eu sei... Sou uma mulher sem calôr...

—Não, Odette. E's uma mulher diabolica... terrivel... um abysmo que a gente não deve fitar — comprehendes?!...

E Mario Silva desceu os degráos da escada comprida numa precipitação de doido...

O DIREITO DO AMOR

De ORLANTINO LOREDO

AINDA perduravam no espaço as ultimas notas da "Sonata ao luar", de Beethoven, quando Rachel, estendendo a mão fidalga e de nevada côr, e voltando-se para Fernanda — a sua amiga predilecta — que se encontrava ao seu lado, no salão de baile, de paredes forradas de damasco grenat, disse sentenciosamente:

— Esta musica tem forte preponderancia sobre o meu destino. Foi ouvindo o grande Paderewki executar a "Sonata ao luar", que, no Municipal, tive a felicidade de conhecer o meu adorado Hugo. Foi ainda ao som dessa mesma musica, que, em tua casa, elle me jurou um amôr eterno. Lembras-te, Fernanda?

— Si me lembro... Parece-me ainda estar vendo o teu Hugo, irreprehensivel na sua farda de tenente de cavallaria, todo amabilidade, todo ternuras, com a tua mão presa as suas, falando baixinho ao teu ouvido... Lembro-me tambem da tua grande alegria, ao me communicares o que elle te havia dito.

— Si soubesses, Fernanda, como sou feliz... E eu, que julgava que a felicidade existia...

— Enganas-te Rachel; a felicidade existe, sempre existiu; ella existe desde a creação do mundo. Adão era feliz, pois tinha, a seu lado, Eva, que o Creador lhe havia dado como companheira e que lhe povoava os dias dentro da existencia...

— Agora, só me resta convencer meu pae, de que o Hugo me fará feliz, de que seremos felizes porque nos amamos. E' mister convencêl-o de que não póde nem deve sacrificar a minha felicidade em holocausto á sua vaidade, obrigando-me a casar com o conde Boris. Eu nunca seria feliz nem poderia fazer feliz outro homem que me impuzessem para marido, que não fosse o meu adorado Hugo... Fortuna, titulo, prazeres, tudo, tudo eu sacrificarei em troca do amor do meu eleito. Queram fortuna maior do que a nossa? Eu sou rica do seu affecto; elle é rico do meu amôr... Meu pae, entretanto, quer, á viva força, sacrificando a minha felicidade fazendo calar no fundo do meu coração o meu grande amôr, entregar-me a um dos seus amigos, só porque é rico e é nobre. Não, Fernanda, eu não serei de outro homem a não ser o Hugo. Si preciso fôr, para tanto, fugirei com elle...

Ao terminar essas palavras, Rachel chorava sentidamente.

Seu pae, um austero magistrado, entrava nessa occasião com o conde Boris, pertencente á aristocracia slava, seu intimo amigo, e em quem via, um magnifico partido para sua unica filha — Rachel.

Fernanda ao ver o pae de sua amiga com o conde, tentou disfarçar a situação, e, num esforço supremo, abraçada ao pescoço da amiga, procurava rir alto, dando a impressão de que ambas se divertiam muito.

Rachel tinha o rosto encoberto pela cabeça da amiga e assim os dois homens passaram, sem ver que ella chorava, limitando-se ambos a olhar ligeiramente para o piano onde ambas se encontravam.

Dirigindo-se para o alto da escadaria de marmore que dava entrada ao rico palacete, o magistrado e o conde se detiveram a conversar animadamente.

— Pois é como lhe digo, meu caro conde: — a felicidade é um paradoxo; existe e não existe; todos são felizes e ninguem é feliz, ou melhor: feliz é todo aquelle que se julga feliz...

— Sendo assim, dr., permitta-me que eu affirme que não poderá ser feliz uma creatura que se vae casar contra a sua inclinação, somente para obedecer a injuncções poderosas...

— Tal caso é uma das excepções da regra — como sabe, toda a regra tem excepção —; a felicidade virá depois do casamento...

— Não comprehendo...

— Digo que a moça que se casar com um homem a quem não ame no momento, poderá vir a ser feliz depois de casada, tal seja a situação social e financeira do marido...

— Acredita que o dinheiro possa operar taes milagres?

— Indiscutivelmente, meu caro conde, o dinheiro é o rei do mundo, é o alicerce da terra; o dinheiro é o grande mágico das convencções, do caracter, da intelligencia e até da propria honra... O dinheiro é um deus, o que não impede de dizer que é um deus injusto, porque abandona aquelles que o adoram e proteje os que o encaram incredulamente...

— Perdôe-me, dr., mas, continúo a discordar do senhor. Quer uma prova de que o dinheiro não tem esse poder infinito que o sr. lhe empresta?

— Pois, não!

— Veja a repulsa que causa a sua filha Rachel a idéa de que possa se casar commigo, attendendo exclusivamente ao desejo paterno. Rachel jamais me acceitaria para marido.

— Rachel será sua esposa, affirmo-lhe com a minha autoridade paterna e sob palavra de magistrado...

Nesta altura, a conversa foi interrompida com a chegada brusca da mãe de Rachel que se fazia acompanhar de outras senhoras.

Rachel e Fernanda, que se encontravam occultas numa janella proxima, retiraram-se. Ao deixar o logar onde se encontrava e do qual ouvira toda a conversa de seu pae com o conde Boris, Rachel, sempre acompanhada de Fernanda, dirigiu-se ao seu quarto, cuja porta fechou á chave, mal a amiga entrou.

Sentando-se á secretaria, — um lindo movel de magno com lavores de bronze, — Rachel, nervosamente, escreveu uma carta, que mostrou á amiga, e esatva assim redigida:

"Hugo. — Meu pae quer matar-me. Corre a salvar-me. Esta noite preciso resolver a nossa situação. Tua *Rachel*".

Fernanda, mal terminou a leitura da carta, perguntou-lhe:

— Que vaes fazer?

— Não sei; ou melhor, aquillo que Hugo decidir...

— Reflecte, Rachel; uma resolução violenta póde matar teu pae, taes as consequencias do teu acto, que poderá ser justo, mas irreflectido...

— Mae pae, tambem, não quer matar-me, vendendo-me ao conde Boris? Juro-te, Fernanda, que não pertencerei a outro homem que não seja o Hugo. Aconteça o que acontecer, meu pae não terá a satisfação de me ver obedecêr-lhe nessa criminosa imposição, sacrificando o meu amôr que é puro e sincero. Não lhe obedecerei...

Tomando a carta das mãos de Fernanda, dobrou-a nervosamente e, collocando-a no enveloppe já endereçado, fechou-o.

Ergueu-se da cadeira, apertando com insistencia o botão da campainha electrica.

Momentos depois, um creado apparece, e Rachel, entregando-lhe a carta, recommendou:

— Leve esta carta ao seu destino.

O serviçal partiu celere...

As duas jovens retornaram ao salão, indo juntar-se ao grupo em que se encontrava a mãe de Rachel. Pouco depois, todos se achavam reunidos e o esforço dispendido pela joven para dissipar a amargura que lhe ia n'alma foi grande.

A conversa animou-se e não tardou que o conde Boris, dirigindo-se a Rachel, lhe pedisse, delicadamente, que tocasse alguma coisa ao piano.

Ella, disfarçando tanto quanto possivel o seu pezar, dirigiu-se ao piano e executou magistralmente a "Sonata ao luar", de Beethoven, a sua musica predilecta. Finda a musica, o conde Boris não poude se furtar ao desejo de cumprimental-a, accentuando que a execução fôra feita com tal alma, tal sentimento, que só um artista ou alguem que estivesse possuido de um estado d'alma excepcional poderia fazêl-o.

A joven agradeceu com um ligeiro e gracioso movimento de cabeça e ergueu-se, dirigindo-se para a escadaria de marmore, acompanhada de Fernanda.

No salão, a conversa mantinha-se animada, sendo o conde Boris o alvo de todas as attenções por parte do pae de Rachel.

Subito, um automovel de corrida estaca rapido á porta do palacete e delle salta ligeiro, um militar, que, empurrando o portão, penetra no jardim e se dirige a passo apressado para a escadaria.

(*Continúa no proximo numero*)

Os projectos do submarino "Bruce-Partington"

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— O que ha, sr. Holmes? Tem alguma indicação?

— Uma idéa... uma possivel indicação, mais nada. Em todo o caso, o interesse do facto vae augmentando. E' unico, completamente unico; e todavia, porque não? Não vejo vestigios de sangue na linha?

— Quasi que os não houve.

— Mas, segundo me consta, houve um ferimento importante?

— O craneo estava esmagado; porem o ferimento exterior era pequeno.

— Era, comtudo, natural que deitasse sangue. Seria possivel eu examinar o trem em que vinha o passageiro que ouviu o ruido da quéda, por entre o nevoeiro?

— Receio bem que não, sr. Holmes, porque esse trem já deve estar desatrelado e as carruagens distribuidas.

— Posso affirmar-lhe, sr. Holmes, disse Lestrade, que, a uma e uma, as carruagens foram cuidadosamente examinadas. Eu proprio tratei disso.

Uma das mais evidentes fraquezas do meu amigo era a impaciencia para com as creaturas menos intelligentes do que elle.

— E' muito possivel, respondeu elle, voltando costas. O caso é, porem que não são as carruagens que eu queria examinar. Watson, fizemos aqui tudo que ha para fazer. Não é necessario incommodal-o mais senhor Lestrade. Parece que as nossas investigações devem agora levar-nos a Woolwich.

Chegado a London Bridg, Sherlock redigiu para o irmão um telegramma, dando-m'o a ler antes de o mandar.

Dizia o seguinte:

"Vejo alguma luz atravez da escuridão; mas é possivel que se apague. No entretanto peço-te que mandes por um proprio, que deve esperar o meu regresso em Baker Street, uma lista completa de todos os espiões estrangeiros e agentes internacionaes, que se sabe estarem em Inglaterra, com as suas moradas.

Sherlock."

— Isso deve ser util, meu caro amigo, observou elle, ao tomarmos logar no trem de Woolwich. Estamos, sem duvida alguma em debito para com o mano Mycroft, por nos ter posto ao corrente de um caso que promette ser realmente notavel.

Na sua physionomia ardente, via-se ainda a expressão de intensa e fogosa energia, demonstrando-me que uma qualquer circumstancia nova e suggestiva, lhe fornecera um estimulante fio de pensamento.

Reparem num cão de caça, de orelha cahida e cauda pendente, passeando pelo canil, e comparem-n'o com o mesmo cão, quando com os olhos scintillantes e musculosos, tensos, segue a correr, uma boa pista — tal era a mudança que se operara em Sherlock desde essa manhã.

Era um homem completamente differente daquelle vulto molle e ocioso, que envolto no roupão cor de pardo, passeava horas antes, cheio de desassocego, pela sala cercada de nevoeiro.

— Aqui ha assumpto, vasto campo para investigações, disse elle. Fui realmente um idiota em não volver esta questão.

— Emquanto a mim, até agora, estão envoltos na escuridão.

— O fim está tambem ainda obscuro para mim; mas tenho uma idéa, que nos deve levar longe. Esse homem encontrou a morte em outro sitio e o corpo encontrava-se no tejadilho da carruagem.

— No tejadilho!

— E' singular, não é? Mas repare bem nos factos. Será coincidencia o ter-se encontrado o corpo exactamente no ponto, onde o comboio anda aos solavancos ao entrar nas agulhas? Não é esse precisamente o sitio onde era natural cahir um objecto já collocado no tejadilho? As agulhas não podiam o corpo cahiu do tejadilho, ou deu-se uma curiosa fluenciar o que estivesse dentro da carruagem. Ou coincidencia. Considere agora a questão do sangue.

E' claro que não haveria sangue na linha, desde o momento em que o corpo sangrasse em outra localidade. Cada um destes factos', por si suggestivo; juntos, adquirem uma força accumulada.

— E o bilhete tambem! exclamei eu.

— Exactamente. Não podiamos explicar a ausencia de um bilhete. Assim ficaria explicada. Condiz uma coisa com a outra.

— Mas, ainda que seja assim, achamo-nos tão longe como estavamos de descobrir o mysterio da sua morte. Em boa verdade, em vez de a simplificar torna-a mais singular.

— Talvez, disse Sherlock, pensativo, talvez, talvez.

Deixou-se cahir em silenciosa reflexão que durou até que o moroso trem parou na nossa estação.

Ali chamou um carro e tirou da algibeira o papel que Mycroft lhe dera.

— Temos que fazer umas poucas de visitas, esta tarde, disse elle. Parece-me ser, em primeiro logar, sir James Walter, quem reclama a nossa attenção.

A casa do famoso empregado de Estado era uma soberba villa, com relvados verdejantes, descendo até ao Tamisa.

Ao approximarmo-nos, começava a levantar-se o nevoeiro, rompendo atravez delle uns fracos raios de sol. Um creado veiu abrir-nos a porta.

— Sir James, senhor? disse elle, com ar solenne. Sir James falleceu esta manhã.

— Meu Deus! exclamou Sherlock, admirado. De que morreu elle?

— Os senhores talvez desejem falar com o irmão, o coronel Valentim? Sim? será melhor.

Fomos introduzidos por elle em um salão illuminado por indecisa luz, onde d'ali a instantes veiu ter comnosco um homem de cerca de cincoenta annos, muito alto, de bella presença e barba loura.

Era o irmão do fallecido sabio. O seu olhar desvairado, as suas faces manchadas, o seu cabello em desalinho, tudo nelle expressava o inesperado desgosto que ferira aquella familia. Ao referir-se a elle, mal podia articular as palavras.

— Foi esse horrivel escandalo, disse elle. Meu irmão, Sir James, era muito meticuloso em pontos de honra, e não poude sobreviver a um caso destes. Despedaçou-se-lhe o coração. Teve sempre tanto orgulho no perfeito serviço da sua secretaria, que este desgosto foi esmagador.

— Esperavamos obter delle quaesquer indicações que nos ajudassem a esclarecer o caso.

— Affirmo-lhes que tudo era tão mysterioso para elle, como para os senhores e nós todos. Já havia exposto á policia, quanto sabia. Não tinha, naturalmente, a menor duvida sobre a culpabilidade de Cadogan West. O resto porem era tudo incomprehensivel.

— Não pode então lançar mais alguma luz sobre o caso?

— Nada mais sei sobre o assumpto alem do que tenho lido ou ouvido. Não desejo faltar á delicadeza; mas o sr. Holmes comprehenderá, que estamos neste momento bastante perturbados, e portanto devo pedir-lhe para não prolongar esta entrevista.

— Isto é, em verdade, um incidente inesperado, observou o meu amigo ao sentarmo-nos de novo no carro. Morreria de morte natural ou matar-se-ia o pobre velho? Na ultima hypothese, poderia ser prova de remorso por falta de cuidado no serviço. Deixemos esse problema para o futuro. Agora, vamos á casa dos Cadogan West.

Uma casa pequena mas bem cuidada servia de abrigo á desolada mãe. A pobre velhinha achava-se tão estonteada pelo desgosto, que nenhum serviço nos poude prestar; junto della porem estava uma menina de faces pallidas, que se nos apresentou como sendo Violet Westbury, noiva do morto e a ultima pessoa, que falou com elle nessa noite fatal.

— Não encontro explicação, sr. Holmes, disse ella. Ainda não fechei os olhos desde a tragedia, sobre qual possa ser a verdadeira significação disto tudo. Arthur era o homem mais honesto, mais cavalheiro e patriota do mundo. Ser-lhe-ia mais facil cortar a mão direita do que vender um segredo de Estado, confiado á sua guarda. E' absurdo, impossivel, inverosimil praa todos que o conhecessem.

— Mas os factos?

— Sim, sim; confesso, não os posso explicar.

— Estaria elle com falta de dinheiro?

— Não; as suas necessidades eram simples e o ordenado importante. Tinha economisado algumas centenas de libras e iamos casar para o Anno Bom.

— Não offerecia signaes de excitação cerebral? Vamos, seja franco comnosco.

O olhar perspicaz no meu companheiro notara qualquer mudança na physionomia da rapariga. Corou e ficou hesitante.

(Cont. na pagina seguinte).

— Sim, disse ella, afinal; tive um presentimento de que elle sentia alguma coisa a pesar-lhe no animo.

— Ha muito tempo?

— Apenas durante esta ultima semana ou pouco mais. Pareceu-me pensativo e preoccupado. Uma vez apertei com elle; confessou-me então que effectivamente havia alguma coisa, relativa á sua vida official. "E' grave de mais para que eu possa falar disso, até comtigo", disse elle. Não pude conseguir mais.

A physionomia de Holmes tornou-se seria.

— Continue, minha senhora. Ainda que lhe pareça ser em desabono delle, continue. Não podemos dizer até onde isto nos pode levar.

— Na realidade, nada mais tenho que dizer. Uma ou duas vezes pareceu-me que esteve a ponto de me contar qualquer coisa. Numa tarde falou na importancia do segredo e tenho uma vaga recordação delle me dizer que, sem duvida, espiões estrangeiros pagariam uma somma avultada para o obter.

A physionomia do meu amigo tornou-se ainda mais seria.

— Nada mais?

— Disse-me que eramos descuidados nestes assumptos — que seria facil a um traidor obter os planos.

— Foi só ha pouco tempo que elle fez essas observações?

— Sim, muito recentemente.

— Agora, conte-nos o que se passou nessa ultima noite.

— Tencionavamos ir ao theatro. Era tão cerrado o nevoeiro que um carro seria inutil. Fomos a pé e o nosso caminho levou-nos a passar pela repartição. De repente elle deu uma corrida, desapparecendo no nevoeiro.

— Sem dizer palavra?

— Soltou uma exclamação; eis tudo. Esperei; porem elle não voltou mais. Então dirigi-me para casa. Na manhã seguinte, depois de aberto o escriptorio, vieram fazer-me perguntas. Pela volta do meio dia recebemos a terrivel noticia. Oh! sr. Holmes, se ao menos lhe pudesse salvar a honra! Tinha tanto valor para elle.

Holmes abanou a cabeça com tristeza e depois de se despedir, disse-me:

— Vamos, Watson, o nosso caminho está em outro lado. A nossa visita a seguir deve ser ao escriptorio donde foram tirados os papeis. Havia bastante negras presumpções contra este rapaz; mas as nossas perguntas tornaram-n'as ainda masi negras. observo elle quando o carro tornou a rodar pesadamente. O seu proximo casamento fornece motivo para o crime. Era natural que precisasse de dinheiro. A idéa trabalhava-lhe no cerebro, visto ter falado nisso. Quasi que tornou cumplice a rapariga na traição, expondo-lhe os planos. Tudo isto é muito equivoco.

— Mas, sem duvida, Holmes, deve-se ter em conta o seu caracter! Alem disso para que deixou elle a rapariga na rua e correu a praticar essa traição?

— Tem razão. Ha, de certo, objecções; mas é uma formidavel accusação com que essas objecções têm de se defrontar.

Sydney Johnson, primeiro amanuense, recebeu-nos no escriptorio, com o respeito que infundia sempre o bilhete do meu companheiro. Era um homem de meia idade, magro, rude, de oculos, com faces macerradas e mãos tremulas pela grande tensão nervosa a que fôra sujeito.

— E' grave, sr. Holmes, muito grave! Já lhe constou a morte do nosso chefe?

— Vimos agora de casa delle.

— O serviço está todo desorganizado. O chefe morto, Cadogan West morto, os nossos documentos roubados. E comtudo, quanto na passada segunda-feira á tarde, fechamos a nossa porta, eramos um serviço tão bem organizado como outro do governo não existia. Santo Deus! E' horrivel pensal-o! Que entre todos os homens, fosse West que fizesse isto!

— Tem então a certeza da sua culpabilidade?

— Não posso encontrar outra explicação; comtudo teria confiado nelle como em mim proprio.

— A que horas fechou o escriptorio na segunda-feira?

— A's cinco.

— Foi o senhor que o fechou?

— Sou sempre o ultimo a sahir.

— Onde estavam os projectos?

— Neste cofre. Eu proprio os metti lá.

— Não ha guarda nocturno que vigie o edificio?

— Ha; mas ha tambem outros edificios a que elle tem egualmente de attender. E' um antigo soldado e homem de toda a confiança. Nada viu nessa noite. E' claro que o nevoeiro era muito denso.

— Supponhamos que Cadogan West quizesse entrar fora de horas no escriptorio; precisaria de tres chaves, não é verdade, para chegar aos papeis?

— Sim, precisaria da chave da porta exterior, da chave do escriptorio e da chave do cofre.

— Essas chaves tinham-nas unicamente Sir James e o senhor?

— Eu não tinha as chaves das portas; possuia a do cofre.

— Sir James era homem de habitos ordenados?

— Sim, creio que era. Posso affirmar, emquanto ás tres chaves, que as trazia sempre na mesma ar-

gola. Vi-as assim muitas vezes.

— E levou comsigo para Londres essa argola?

— Elle assim o affirmou.

— E a sua chave nunca sahiu do seu poder?

— Nunca.

— Nesse caso, West, se foi o criminoso, devia ter chave em duplicata; todavia, nenhuma lhe foi encontrada. Outro ponto: se um empregado deste escriptorio pretendesse vender os planos, não seria mais simples copial-os elle proprio do que subtrahir os originaes, como foi feito?

— Seriam indispensaveis consideraveis conhecimentos technicos, para poder copiar os projectos por forma aproveitavel.

— Mas eu supponho que tanto o senhor como sir James e Cadogan West, possuiam esses conhecimentos technicos?

— Sem duvida que os tinhamos; mas rogo-lhe, sr. Holmes, que me não envolva no caso. De que nos serve formular assim hypothese, quando os planos originaes foram achados em West?

— Bem, mas é de certo singular que elle corresse o perigo de roubar os originaes, quando poderia a salvo, ter tirado copias, que egualmente serviriam para os seus fins.

— Singular, sem duvida — mas elle assim o fez.

— Cada investigação sobre este caso, revela qualquer facto inexplicavel. Ora, faltam ainda tres papeis. São esses, segundo deprehendo, os mais importantes.

— Exacto.

— Quer dizer que se alguem possuir esses tres papeis, sem os outros sete, poderia construir um submarino *Bruce-Partington*?

— Por esse motivo mandei para o almirantado um relatorio. Hoje, porem, examinei novamente os desenhos e já não tenho tanto a certeza disso.

"As duplas valvulas, ás quaes vem automaticamente ajustar-se os orificios, estão desenhadas em um dos papeis, que foram encontrados. Emquanto os estrangeiros não conseguirem fazer, elles proprios, este invento, não poderão construir o barco. E' claro que conseguirão em breve vencer essa difficuldade."

— Em todo o caso os tres desenhos que faltam, são os mais importantes?

— Indubitavelmente.

— Agora, se me permitte, darei uma volta pelo edificio. Não me occorre outra pergunta, que precise fazer-lhe.

Examinou cuidadosamente a fechadura do cofre, da porta e finalmente as portas de ferro da janella; mas só quando lá fóra caminhavamos sobre a selva, o seu interesse se evidenciou com intensidade.

Por baixo da janella, existia um loureiro, do qual alguns dos ramos manifestavam signaes de haverem sido torcidos e quebrados. Examinou-os minuciosamente com uma lente, e depois a alguns tenues e apagados vestigios na terra.

Em seguida, pediu ao empregado que cerrasse as portas de ferro da janella, fazendo-me notar que ellas não ajustavam bem no meio e seria possivel alguem de fóra ver o que se passava dentro do escriptorio.

— Os vestigios estão damnificados por estes tres dias de demora. Podem significar alguma coisa ou nada. Pois bem, Watson, parece-me que Woolwich não nos póde auxiliar mais. Fizemos fraca colheita. Veremos se em Londres a podemos obter melhor.

Ainda assim, juntamos mais um mólho á nossa colheita antes de deixar a estação de Woolwich. O bilheteiro poude affirmar-nos, com segurança, que vira Cadogan West — bem conhecido de vista por elle — na noite de segunda-feira e fôra para Londres, no comboio das 8 e 15 para a estação de London-Bridge.

Estava só e comprou um bilhete de terceira classe. O bilheteiro ficara nessa occasião impressionado com o seu aspecto nervoso e excitado. Tinha a mão tão tremula que a custo poude agarrar no troco, tendo o bilheteiro de o ajudar. O exame do horario demonstrou que o comboio das 8 e 15 era o primeiro que West poderia apanhar depois de ter deixado a noiva cerca das 7 e 30.

— Recapitulemos, Watson, disse Holmes após uma hora de silencio. Duvido que, em todo o decurso das nossas pesquizas communs, encontrassemos jamais caso mais difficil de reolver. A cada passo que damos levanta-se deante de nós novo obstaculo. E comtudo conseguimos apreciaveis progressos.

"O resultado das nossas investigações em Woolwich foi na maior parte contra Cadogan West; porem, as indicações da janella prestam-se á mais favoravel hypothese. Admittamos, por exemplo, que algum agente estrangeiro chegasse á fala com elle.

"Isto podia-se ter dado, sob condições de juramento, que o impedisse de falar em tal, mas lhe suggerisse os pensamentos no sentido expresso á noiva. Muito bem; supponhamos agora que, indo com a namorada para o theatro, de repente lobrigasse através do nevoeiro o referido agente, caminhando na direcção do escriptorio.

"Era um homem impetuoso, rapido nas decisões. Tudo desappareceu perante o dever. Seguiu o homem. Chegou, viu o roubo dos documentos e perseguiu o ladrão. Desta forma vencemos a difficuldade de alguem levar originaes quando poderia tirar

(*Cont. na pag. seguinte*).

copias delles. Este extranho viu-se obrigado a levar os originaes. Até aqui tudo se harmonisa."

— E o que se segue depois?

— Ahi começam as difficuldades. Era de suppôr que, em taes circumstancias, o primeiro acto de Cadogan West devia ser o de agarrar o maroto e dar alarma. Por que não faz elle isso? Poderia ter sido um empregado superior que levou os papeis? Isso explicaria o comportamento de West; ou seria possivel que o ladrão lhe fugisse, protegido pelo nevoeiro, partindo West immediatamente para Londres, para o procurar nos proprios aposentos, suppondo que soubesse onde elles eram.

"A razão da partida deve ter sido muito forte para elle deixar a namorada, só, no meio do nevoeiro, sem ao menos fazer uma tentativa para a avisar. Aqui desapparece a pista e abre-se um grande vacuo entre qualquer das hypotheses e o facto de ser collocado o corpo de West, com sete papeis na algibeira, no tejadilho de uma carruagem do Metropolitano.

"O meu instincto agora leva-me a trabalhar em sentido opposto. Se Mycroft nos mandou a lista das moradas, estaremos talvez aptos para alvejar o nosso homem e seguir duas pistas em vez de uma."

Effectivamente, esperava-nos uma carta em Baker Street. Trouxera-a com urgencia um correio ministerial. Holmes passou-a pelos olhos e atirou-m'a:

"Ha muita arraia miuda, mas poucos seriam capazes de manejar tão importante negocio.

Os unicos que valem a pena de enumerar são: Adolfo Meyer, 13 Great George Street, Westminster; Luiz la Rothière, Campden Mansions, Notting Hill e Hugo Oberstein, 13, Gaulfield Gardens, Kensington. O ultimo sabe-se que esteve em Londres na segunda-feira e consta ter partido depois.

Estimo saber que se fez alguma luz. O governo espera o teu relatorio final com profunda anciedade. Urgentes instancias chegaram das mais altas regiões. Toda a força do Estado está ás tuas ordens, si della precisares.

Mycroft."

— Receio muito, disse Sherlock sorrindo, que todos os cavallos e todos os soldados da Rainha, de nada nos possam servir neste caso...

Tinha estendido o seu grande mappa de Londres e estava debruçado sobre elle, attentamente.

— Bem, bem! exclamou elle, em tom de satisfação, as coisas enfim têm tomado um aspecto favoravel para nós. Olhe lá, Watson creio firmemente que chegaremos a ter bom exito, apesar de tudo.

Bateu-me no hombro com subito accesso de riso e continuou:

— Agora vou sahir. E' apenas para um simples reconhecimento. Nada farei importante sem ter a meu lado o meu mais leal camarada e biographo. Fique você aqui e as probabilidades são de que voltarei dentro de uma ou duas horas. Se lhe pezar o tempo, pegue em um bocado de papel almasso e comece a sua narrativa sobre o modo como nós salvamos o Estado.

Eu proprio senti como que o reflexo da sua exaltação, estando certo de que elle não sahiria sem motivo do seu austero porte habitual.

Esperei, durante toda essa longa tarde de novembro, cheio de impaciencia, pelo seu regresso.

Afinal, pouco depois das 9, chegou um moço com uma carta:

"Estou jantando, no Restaurante Goldoni, Glocester Road Kensgton. Peço-lhe que venha ter commigo aqui immediatamente. Traga comsigo uma gazua, uma lanterna furta-fogo, um escopro e um revolver."

Eis um armamento decente para um respeitavel cidadão levar através de escuras ruas, envoltas em nevoeiro.

Occultei os objectos discretamente nas algibeiras do sobretudo e dirigi-me, de carro, para o ponto que me fôra indicado.

Ahi encontrei o meu amigo junto de uma pequena mesa redonda, proximo da porta do pomposo restaurante italiano.

— Já comeu alguma coisa? Então tome commigo café e um copo de curaçáo. Experimente um destes charutos do proprietario desta casa, são menos venenosos do que seria de esperar. Tem a ferramenta?

— Tenho-a aqui, na algibeira.

— Excellente! Deixe-me apresentar-lhe uma pequena resenha do que fiz, e dar-lhe umas indicações acerca do que temos ainda que fazer. Ora, deve ter comprehendido claramente, meu caro amigo, que o corpo desse rapaz foi "collocado" no tejadilho da carruagem. Este facto do tejadilho e não da carruagem que o corpo cahira.

— Seria possivel que o deixassem cahir de uma das pontes?

— A meu ver, seria impossivel. Se examinar os tejadilhos verá que são levemente curvos, não tendo grades em volta. Podemos portanto quasi affirmar que Cadogan foi collocado num tejadilho.

— Mas como poderiam collocal-o ahi?

(*Continúa no proximo numero*)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ") .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ") .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ") .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ") .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 31, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

Souza Baptista & Cia. Ltda. Ornamentações — Mobiliarios

ARTE

BOM GOSTO

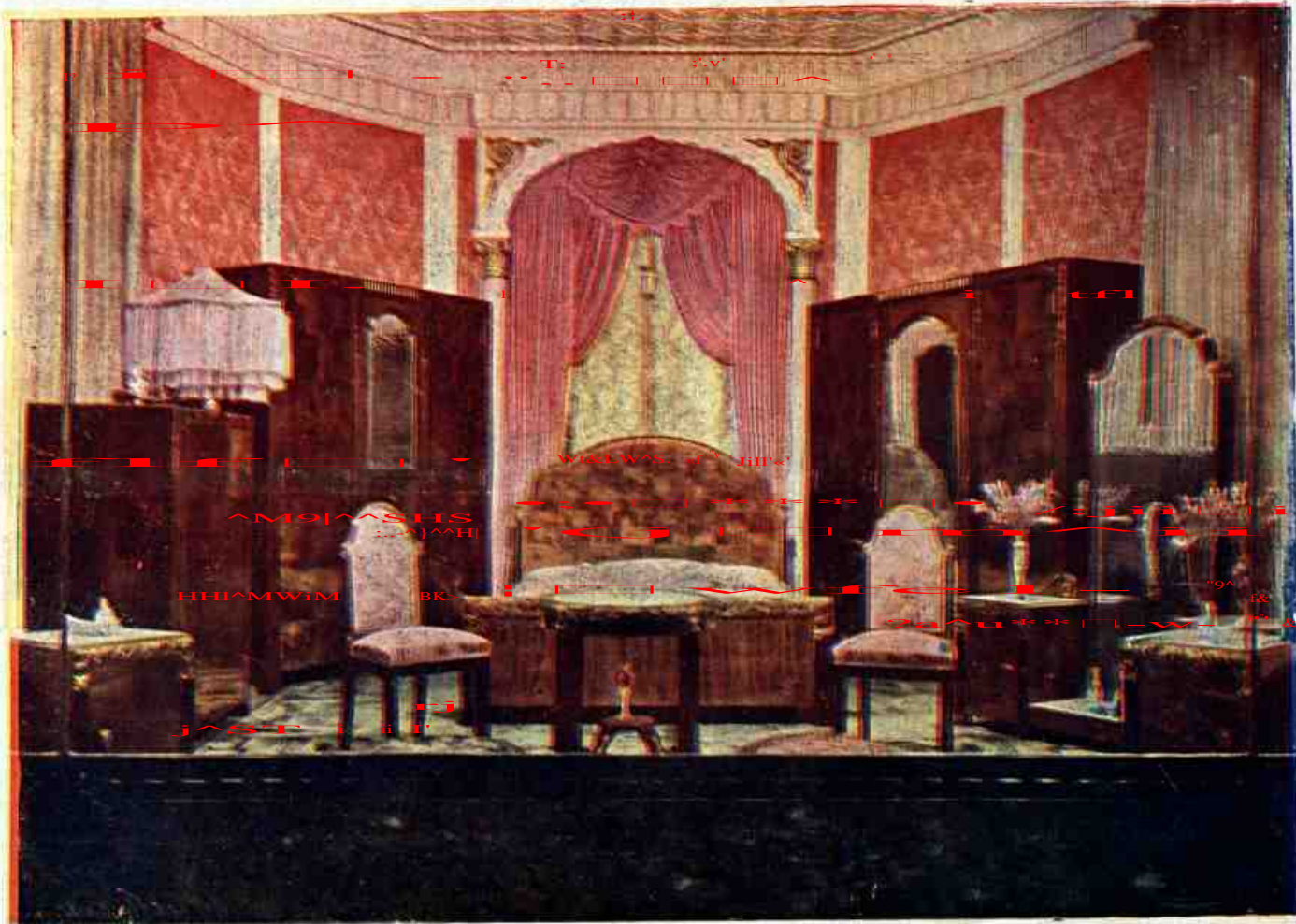
COMODI-DADE

Tel. 2-0640

GARANTIA

JUSTO PREÇO

PRESTEZA NA EXECUÇÃO

Tel. 2-0640

Largo da Carioca, 9

São as circumstancias que têm feito a casa Souza Baptista a maior e mais conhecida no seu genero

Largo da Carioca, 9